UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

RODRIGO JOSÉ DOS SANTOS

MEMÓRIA, CULTURA E PATRIMÔNIO: POSSIBILIDADES PARA O TURISMO CULTURAL EM NOVA PETRÓPOLIS

CAXIAS DO SUL
2021

RODRIGO JOSÉ DOS SANTOS

MEMÓRIA, CULTURA E PATRIMÔNIO: POSSIBILIDADES PARA O TURISMO CULTURAL EM NOVA PETRÓPOLIS

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo e Hospitalidade.

Linha de pesquisa: Turismo, cultura e educação

Orientadora: Profa. Dra. Vania Beatriz Merlotti Herédia

CAXIAS DO SUL
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

S237m Santos, Rodrigo José dos
Memória, cultura e patrimônio [recurso eletrônico] : possibilidades para o turismo cultural em Nova Petrópolis / Rodrigo José dos Santos. – 2021.
Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2021.
Orientação: Vania Beatriz Merlotti Herédia.
Modo de acesso: World Wide Web
Disponível em: https://repositorio.ucs.br

1. Turismo Cultural. 2. Turismo - Nova Petrópolis (RS). 3. Patrimônio Cultural. 4. Comunidades - Nova Petrópolis (RS) - História. I. Herédia, Vania Beatriz Merlotti, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 338.48-6:7/8

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Márcia Servi Gonçalves - CRB 10/1500

RODRIGO JOSÉ DOS SANTOS

MEMÓRIA, CULTURA E PATRIMÔNIO: POSSIBILIDADES PARA O TURISMO CULTURAL EM NOVA PETRÓPOLIS

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo e Hospitalidade.

Aprovado em 19/11/2021

Banca Examinadora

_____
Profa. Dra. Vania Beatriz Merlotti Herédia (orientadora)
Universidade de Caxias do Sul

_____
Prof. Dr. Pedro de Alcântara Bittencourt César
Universidade de Caxias do Sul

_____
Profa. Dra. Dalila Müller
Universidade Federal de Pelotas

_____
Profa. Dra. Roswithia Weber
Universidade Feevale

“Não tenha medo de viver, de correr
atrás dos sonhos.
Tenha medo de ficar parado.”

Anita Garibaldi

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha amada filha Sofia, por entender o papai, pelos momentos em que tive que ficar longe e focar nos estudos, minha esposa Raquel, pelos incentivos e apoio nessa minha nova formação, aos meus pais e irmã, pelo carinho e orgulho sempre demonstrado por tudo que venho conquistando.

À minha orientadora, Profa. Dra. Vânia Beatriz Merlotti Herédia a amabilidade, dedicação, orientação, disponibilidade, o apoio e incentivo que contribuíram de maneira fundamental para o meu crescimento, durante a trajetória do mestrado. Agradecer aos ensinamentos e sugestões feitas em minha qualificação, pela Professora Eloisa Helena Capovilla da Luz (In Memorian).

A todos os meus professores, onde com eles obtive a ciência do saber e a amizade de pessoas maravilhosas. Seus ensinamentos me tornaram uma pessoa melhor, preparada para a vida profissional, acadêmica e principalmente um apaixonado pelo turismo, muito obrigado!

Aos meus colegas de mestrado, com quem dividi alegrias, dúvidas, aprendizagem, tornando mais valiosa e significativa a minha caminhada.

Aos entrevistados a amabilidade, bondade e generosidade com que me acolheram e disponibilizaram suas experiências e memórias, assim possibilitando a construção dessa pesquisa.

À Universidade de Caxias do Sul, por ter me acolhido e ter me proporcionado o conhecimento e a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) por viabilizar a minha formação como Mestre.

Obrigado a todos que de alguma forma auxiliaram em minha evolução no trabalho, na universidade e principalmente na vida, sou muito grato a todos.

Minha gratidão!

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo contribuir, por meio da história de uma comunidade rural, com a possibilidade de turismo cultural, a qual se localiza na Linha Imperial, em Nova Petrópolis, RS. Tem como intenção utilizar memórias de moradores mais velhos para compreender o processo de construção da comunidade e de seus desdobramentos. A pesquisa envolve a formação histórica da Linha Imperial, e o reconhecimento dos diversos lugares de memória, que fizeram parte dessa história. Para tal, o estudo conta com o suporte teórico-metodológico da história oral, baseado em Portelli (2016). Além desse método, buscou-se informações em acervos particulares e públicos, em documentos oficiais e privados, fotos, jornais e depoimentos já realizados em outras pesquisas. A pesquisa é exploratória, de natureza qualitativa, sendo que os sujeitos entrevistados são moradores da comunidade. A técnica de coleta de dados baseou-se na entrevista narrativa. O referencial teórico utilizado sustenta-se nas obras de Joel Candau (2014), Maurice Halbwachs (1990), Pierre Nora (1993), Denys Cuche (2002), Gessy Deppe (1988). Constata-se que o estudo dessa comunidade pode contribuir para o desenvolvimento do turismo no município de Nova Petrópolis, RS. A identificação dos valores culturais presentes na comunidade podem ser utilizados como potencial de turismo cultural.

Palavras-chave: Lugar de Memória. Estudo de Comunidade. Turismo Cultural. Patrimônio Cultural. Linha Imperial.

ABSTRACT

This study aims to contribute with possibilities of cultural tourism through a rural community's history, located in Linha Imperial, Nova Petrópolis. Its intention is to benefit from elderly residents' memories in order to comprehend this community's building process and its developments. The research consists of the historical formation of Linha Imperial and the recognition of various memorable locations that are part of this history. In order to do so, the study relies on the theoretical-methodological support of oral history, based on Portelli (2016). In addition to this method, information was sought in private and public archives, on official and private documents, photos, newspapers and testimonies already provided to other studies. The research is exploratory, of a qualitative nature, considering that the interviewed subjects are local residents. The data collection technique is going to be based on narrative interviews. The theoretical approach used is based on the work of Joel Candau (2014), Maurice Halbwachs (1990), Pierre Nora (1993), Denys Cuche (2002), Gessy Deppe (1988). The study about this community is seen to be able to contribute to the development of tourism in the city of Nova Petrópolis. The identification of cultural values present in this community can be used as a potential asset for cultural tourism.

Keywords: Site of Memory. Community Study. Cultural Tourism. Cultural Heritage. Linha Imperial.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EGR	Empresa Gaúcha de Rodovias
Iphan	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PIB	Produto Interno Bruto
WTTC	*World Travel & Tourism Council*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fatos, histórias e memórias na comunidade de Linha Imperial 15
Figura 2 – Mapa de Nova Petrópolis em 1870 25
Figura 3 – Mapa Rota Romântica, demonstrando a localização de Linha Imperial ... 35
Figura 4 – Mapa Turístico de Nova Petrópolis, demonstrando a localização de Linha Imperial 36
Figura 5 – Nova Petrópolis, Capital Nacional do Cooperativismo 37
Figura 6 – Padre Amstad 38
Figura 7 – Os fundadores da Caixa Econômica de Empréstimo Amstad em destaque Padre Amstad 40
Figura 8 – Linha Imperial em 1910 40
Figura 9 – José Otto Neumann atuando na Caixa Econômica ao lado do cofre 40
Figura 10 – Solenidade dos 50 anos, em 1952 e lançamento da pedra fundamental da sede própria 41
Figura 11 – Sede própria concluída em 1953 41
Figura 12 – Construção da Praça 42
Figura 13 – Construção da Praça 42
Figura 14 – Praça Theodor Amstad em julho de 1942, antes da inauguração do monumento 43
Figura 15 – Mapa da Região do Hunsrück na Alemanha 54
Figura 16 – Mapa do Império Áustro-Húngaro com destaque para a Boêmia 56
Figura 17 – Primeiro caminhão de Nova Petrópolis e na imagem carregando pedras para a construção da igreja 61
Figura 18 – Construção sobreposta da nova e atual Igreja São Lourenço Mártir 62
Figura 19 – Monumento Padre Theodor Amstad, inaugurado em 1942 75
Figura 20 – Monumento à Irmandade 75
Figura 21 – Instalação da Pedra Monumento 77
Figura 22 – Primeira Sede 78

Quadro 1 – Resultado do plebiscito 26
Quadro 2 – Entrevistados da pesquisa 52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11

2 JUSTIFICATIVA 16

3 OBJETIVOS E QUESTÕES NORTEADORAS 19

4 REFERENCIAL TEÓRICO 20
4.1 Cultura e comunidade: a história de uma comunidade de descendentes de imigrantes **20**
4.2 Turismo cultural e patrimônio local **26**
4.3 Memória coletiva, a identidade local e lugar de memória **30**
4.4 Comunidade de origem migratória e as dinâmicas culturais **34**

5 METODOLOGIA 47
5.1 Método: história oral **47**
5.2 Entrevista narrativa **48**
5.3 Fontes **50**
5.4 Escolha da amostra: critérios de seleção **50**
5.5 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido **52**

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS 53
6.1 Pertencimento histórico **53**
6.2 Homogeneidade cultural e identidade cultural **57**
6.3 Sociabilidade como elemento de identificação **63**
6.4 O patrimônio comunitário **71**

7 UM PASSEIO COOPERATIVO 79

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS 84

9 REFERÊNCIAS 90

APÊNDICE A – Questionário 97
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 99

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo assunto surgiu, quando estava trabalhando na Secretaria de Turismo de Nova Petrópolis, RS, e escutava muitas histórias de moradores locais. Para entender seus relatos, comecei a pesquisar sobre o tema e constatei pouco material bibliográfico que permitisse um aprofundamento mais significativo ou desse veracidade aos fatos apresentados. Em 2019, ao ingressar no Mestrado, foi possível vislumbrar melhor a possibilidade de uma pesquisa sobre o tema, envolvendo a temática da história, do turismo cultural e da memória. O ingresso no Mestrado esclareceu a oportunidade de realizar uma pesquisa acerca da memória coletiva de uma comunidade rural, com o intuito de reunir dados e informações, que pudessem estar disponíveis aos cidadãos de Nova Petrópolis e interessados por estudos turísticos.

Dentro do contexto, é importante ressaltar que as viagens e o turismo existem desde as mais antigas civilizações, por meio dos deslocamentos em busca de novas terras e conhecimento. Com o tempo, o turismo se tornou organizado e com foco no bem-estar. Já as viagens culturais iniciam no século XVI, através do *Grand Tour*, o qual retrata a viagem de jovens nobres, juntamente com seus professores, que ficavam, aproximadamente, três anos percorrendo o continente europeu, em busca de conhecimento e experiência.

Por sua vez, o turismo cultural abrange as atividades de vivência do turista, juntamente com os elementos representativos da cultura, expressos no patrimônio, na história, na cultura e na memória de alguns lugares, para promover o desenvolvimento local, por meio da oferta de turismo, com base nesses elementos.

É o caso da comunidade da Linha Imperial, localizada em Nova Petrópolis, RS, rica em história, prédios históricos, monumentos que homenageiam pessoas e fatos relevantes para os moradores. Verifica-se, nas diversas edificações, que muitas delas tiveram o envolvimento comunitário em sua construção, comprovando existir ali valores do passado. Um dos exemplos desses espaços de memória é a Praça Theodor Amstad, que foi construída por muitas mãos e, principalmente, com o envolvimento dos moradores da localidade, por meio de mutirões. O local era um banhado e foi aterrado com pedras retiradas das roças dos agricultores. O trabalho

era realizado com a luz do luar e, quando necessário, era usada a energia elétrica, ainda com deficiências, gerada por uma usina instalada nas proximidades.[1]

Ao falar da praça, de seus fatos históricos e analisar seu patrimônio, se faz uma relação com a comunidade local, assim surgindo a inquietação de como se constitui a memória coletiva desses moradores. Nesse contexto, o presente estudo visa trazer à tona uma discussão em torno do turismo cultural, como meio de potencializar o patrimônio existente, de modo a enfatizar a história e a memória local. Este estudo busca analisar, através da memória, como se constitui a comunidade da Linha Imperial, de descendência alemã.

Com a preocupação de poder eternizar relatos de indivíduos- moradores, que os guardiães da história, por meio das suas lembranças, a proposta objetiva registrar essas memórias. Relatos, como o de Guido Otto Neumann[2] sobre a construção da praça, são parte deste estudo, com vistas a registrar fatos de uma comunidade.

> Eu também ajudei a trabalhar, eu tinha, na época, 9/8 anos, foi 1941, tinha 8 anos, eu pegava um balde, o pai dizia, vai, pega um balde com água e uma canequinha (sorriso), e o outro primo meu o Cirilo Neumann, também, vinha com um balde (expressão de alegria) e passava no meio das pessoas que trabalhavam: – Não quer tomar um pouquinho de água? – Sim, traz aqui. Daí tirava a canequinha e dava para ele tomar água, né! [...] Através do diário que foi escrito pelo meu pai, foram necessários, duas mil e quinhentas cargas de terra, cargas de carroça, né! Que tiveram que ser trazidas para aterrar aqui o espaço, fora os inúmeros carrinhos e mão que também traziam terra, mas isso ele não contou (NEUMANN, 2012).

A pesquisa pretende utilizar como base teórica estudos de memória de autores que oferecem aparato conceitual para tal, tais como: Maurice Halbwachs (2004), Jöel Candau (2011), Pierre Nora (1993) e Michael Pollack (1992). A memória, segundo Halbwachs (2004, p. 29), para ser reconstituída precisa de um “quadro de nossas lembranças antigas”, para ligar as diversas percepções, a fim de reconhecê-las. Diz o autor que

> é necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos

---

[1] Relato de Paulo Hillebrand, nascido em 1902, relatando a dedicação e esforços envolvidos na construção da praça na Linha Imperial “[...] durante o dia trabalhávamos na roça. À noite íamos com carroças de bois para a praça, tudo era um banhado só e tinha que ser aterrado. Quantas noites nós trabalhávamos até 11 ou 12 horas [...]” (DEPPE, 1988, p. 308).

[2] Vídeo com o relato de Guido Otto Neumann encontra-se no arquivo pessoal de Célia Hillebrand em Nova Petrópolis.

> outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim poderemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (HALBWACHS, 2013, p. 39).

Apresentar elementos da memória individual é o caminho para a construção da memória coletiva e, assim, poder transmitir para outras gerações os modos de ser e fatos de uma comunidade, bem como garantir a continuidade da essência cultural, neste caso, a alemã e a cooperativista. É a história, gestos, fatos, hábitos, documentos, representações e os modos de ser que repassam os aspectos culturais, portanto os olhares da memória coletiva.

Desta forma, a pesquisa busca tornar conhecida a história local, por meio da memória e história, demonstrando sua relevância e o efeito na comunidade nova petropolitana e para além dela. E, assim, colaborar para o estudo da história da Linha Imperial, servindo como instrumento de futuras pesquisas para a comunidade acadêmica e, por fim, favorecer a divulgação e preservação desta memória.

Desde que foi proposta a pesquisa, buscou-se documentos, fotos, atas, material de registro histórico formal (ou informal); contatou-se com moradores locais, familiares; pesquisou-se em arquivos históricos, bibliotecas e museus, para coletar dados históricos. A partir destas pesquisas, notou-se que havia uma série de informações que ainda podiam ser buscadas e, acima de tudo, que havia a necessidade de se fazer um trabalho mais aprofundado, que pudesse abranger mais informações sobre o tema.

Neste estudo da memória, tem-se, como objetivo geral, analisar os elementos que constituem a memória coletiva da comunidade da Linha Imperial, a fim de promover turismo cultural. Tem-se como objetivos específicos: contextualizar a história da Linha Imperial, a partir da imigração germânica, identificando elementos da sua cultura, como referência na construção de comunidades; descrever o papel dos espaços coletivos da comunidade e a sociabilidade, e analisar os elementos identitários da comunidade presente na Linha Imperial, como lugar de memória e como potencial turístico para o município.

Para abordar todos estes aspectos apresentados, optou-se pela pesquisa de abordagem qualitativa e pelo uso da história oral. Tal método proporciona ao pesquisador a compreensão do conteúdo dos discursos, embasados no

entrecruzamento de diversas áreas do conhecimento, numa recuperação de lacunas, que podem ser preenchidas. Para atingir os objetivos propostos ao estudo até o momento, valeu-se de pesquisa bibliográfica.

Dessa forma, o estudo foi dividido em três partes: a primeira contém a pesquisa de base teórica, serve de embasamento pela definição e explicitação do aparato conceitual utilizado; a segunda envolve a pesquisa de campo, e a terceira refere-se à análise dos dados.

Na primeira parte, é discutida a representatividade cultural e sua relevância na formação da comunidade da Linha Imperial, por meio da influência dos valores da imigração germânica e de sua formação homogênea; a *importância do conhecimento* da comunidade para o Turismo Cultural, e o *patrimônio que serve de atração*, tendo como enfoque o desenvolvimento local. Estes aspectos permitem vislumbrar, na localidade, um possível produto turístico, com vistas ao desenvolvimento sustentável e planejado, o que permitirá proteger o patrimônio. Para a estruturação desta base teórica, foram utilizados os seguintes autores: Halbwachs (2004), Candau (2012), Manfroi (1975), Nora (1993), Pollack (1992) e Deppe (1998).

Na segunda parte, é realizado um estudo de campo, o que proporciona a coleta de registros sobre a história da Linha Imperial. Esta etapa visa buscar registros e testemunhos que possam colaborar para a coleta da memória e da importância de mantê-la ativa e presente na comunidade, por meio da história oral. O estudo da comunidade de Linha Imperial e sua constituição, a partir das correntes imigratórias, é parte desse cenário. A segunda parte utiliza o método da história oral, no caminho metodológico a ser percorrido. Para estabelecer o diálogo com os entrevistados, o estudo de pesquisa documental serviu de roteiro para a realização das entrevistas. A pesquisa foi realizada com os moradores mais antigos da comunidade da Linha Imperial, no interior do município de Nova Petrópolis, que tinham condições e aceitaram participar da entrevista.

A terceira parte está constituída pela análise dos dados. Esta etapa apresenta os resultados da pesquisa e a “conversa” com o quadro teórico.

Figura 1 – Fatos, histórias e memórias na comunidade de Linha Imperial

Fonte: Acervo do autor.

2 JUSTIFICATIVA

A motivação para estudar a Linha Imperial nasceu de inquietações referentes às memórias existentes na comunidade, partindo do núcleo central, onde se localiza a Praça Theodor Amstad, construída com o empenho e envolvimento comunitário e não idealizada por um político ou entidade pública. Sendo assim, abre-se um leque de possibilidades ao olhar para a comunidade e vislumbrar um potencial turístico, por meio da sua história e dos equipamentos históricos ali existentes, formando uma comunidade forte. A proposta da pesquisa previu um estudo que precisava ser compilado e disponibilizado para a sociedade.

A procura pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade abriu a oportunidade de realizar esta pesquisa, buscando fatos, histórias e fontes documentais, que poderiam contribuir para a constituição da memória coletiva local. Como representante, na Câmara de Vereadores, enxerga-se uma proposta de turismo cultural, que possibilite um novo produto turístico para ser fomentado pela gestão pública municipal e pela iniciativa privada. A proposta oportuniza vislumbrar um possível desenvolvimento sustentável do local, por meio do turismo, visando preservar seu patrimônio cultural.

O ex-prefeito de Nova Petrópolis, Sigfried Drechsler, em seu relato no livro *Contribuição para a história de Nova Petrópolis*, destaca a importância da preservação e manutenção da história e memória da comunidade, como elemento identitário daqueles que fazem parte do lugar. Escreveu:

> Na alma de cada filho desta terra encontra-se gravada a imagem venerada de uma avó ou de um avô, contando a sua versão das “histórias de antigamente”. E as novas gerações cresceram, arraigadas ao torrão natal, num sentimento profundo e místico que atravessa o espaço e o tempo. Coube-nos a honrosa tarefa de resgatar a memória dos antepassados, fortalecendo assim, a auto-imagem das novas gerações (DEPPE, 1988, p. 13).

Este depoimento mostra a força da cultura local, que é homogênea e preservada em Nova Petrópolis e, por consequência, na Linha Imperial. Todas as histórias existentes na localidade, e que foram apresentadas no estudo, demonstram o potencial de desenvolvimento do turismo histórico e cultural, através das faces históricas do local e da memória dos moradores.

Dentro das possibilidades de preservação da história e memória coletiva, está o Turismo Histórico e Cultural, que “[...] compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p.15). Através do turismo, este conceito é cada vez mais utilizado no mundo para a manutenção das memórias, como fator de preservação, assim possibilitando o conhecimento e a bagagem cultural para os turistas que interagem com novas culturas e informações, com fatos históricos e locais importantes, aumentando a experiência e a vivência cultural.

Esses aspectos representam para a história e cultura a oportunidade da estruturação de novos produtos turísticos para determinadas localidades e municípios. Consequentemente, poderá aumentar o fluxo de turistas, convertendo o turismo em uma atividade que valorize a memória local, com o patrimônio da sociedade. O desenvolvimento do turismo cultural deve ocorrer pela valorização e promoção da cultura, pela preservação do patrimônio histórico e cultural, com a geração de oportunidades de negócios e empregos no setor, respeitando valores, símbolos e significados presentes na cultura da comunidade envolvida no estudo, neste caso, a Linha Imperial.

O estudo objetivou investigar os elementos que constituem a memória coletiva da Linha Imperial, em Nova Petrópolis, RS, a fim de promover o turismo cultural. Visou contribuir para o desenvolvimento turístico local, se apropriando da estrutura, do patrimônio, da história, cultura e memória lá existentes.

A pesquisa possui caráter inovador, na medida em que não há trabalho similar acerca da memória coletiva da Linha Imperial, sendo um estudo peculiar para identificar a formação da memória local, incorporando a história do cooperativismo que se sobressai na região de cultura germânica e partindo de vários estudos e pesquisas já realizadas sobre o município de Nova Petrópolis. A questão norteadora foi: *Verifica a memória coletiva e vivências existentes na comunidade, que presenciou inúmeros acontecimentos e carrega a memória dos moradores mais velhos?* Dessa forma, pretende-se potencializar turisticamente o local, instigando a iniciativa pública e privada acerca da possibilidade da formatação de um novo produto turístico em Nova Petrópolis, localizado na Linha Imperial, através do estudo de seu contexto.

A pesquisa tem motivação particular, devido ao pesquisador atuar na gestão pública em Nova Petrópolis, além de ser turismólogo e guia de turismo. Assim, verifica as potencialidades e reconhece as dificuldades de se promover e desenvolver o turismo com qualidade e excelência. Desde o período da graduação e como guia de turismo, houve uma aproximação e identificação com a temática histórico-cultural. A aproximação do pesquisador com o tema, com a memória da comunidade de Linha Imperial, iniciou no Ensino Fundamental com disciplina denominada “Educação para o Turismo”, dada pela professora Magdalena Hillebrand (pessoa/professora que considero minha mentora, junto ao turismo) na Escola Municipal Bom Pastor. Relatava histórias do “berço” do cooperativismo na América Latina e as façanhas dos moradores locais na construção da localidade, bem como os atrativos ali existentes. Fato também importante foi ter feito a Primeira Comunhão e Crisma na Igreja católica, que fica defronte à Praça Theodor Amstad. Por fim, ter vivenciado e possuir lembranças do local foram aspectos significativos para o envolvimento com a pesquisa. As recordações instigaram-me a conhecer a memória das pessoas que vivenciaram, que ouviram relatos ou ajudaram a construir a comunidade. Assim, o Mestrado em Turismo e Hospitalidade, por meio das disciplinas abordando cultura, memória, localidade e turismo, habilitam este pesquisador a investigar e apresentar, de fato, como os moradores construíram sua história e memória.

3 OBJETIVOS E QUESTÕES NORTEADORAS

Tem-se como objetivo geral analisar os elementos que constituem a memória coletiva da comunidade de Linha Imperial, em Nova Petrópolis, RS, a fim de promover o turismo cultural. Tem-se como objetivos específicos: contextualizar a história de Linha Imperial, a partir da imigração germânica, identificando elementos da sua cultura, como referência na construção de comunidades; registrar os testemunhos dos moradores da comunidade e analisar os elementos identitários da comunidade presente na Linha Imperial, como lugar de memória e como potencial turístico para o município.

A questões que nortearam essa pesquisa foram: Como nasceu a comunidade da Linha Imperial? Como lembram a comunidade no passado? O que era importante para os moradores da Linha Imperial como características da comunidade? O que gostariam de preservar que fosse importante para eles como elemento identitário?

4 REFERENCIAL TEÓRICO

A proposta deste estudo tem como base a formação da comunidade imigrante que se radicou na região de ocupação germânica, na metade do século XIX. Para entender e sustentar a análise foram definidos conceitos que permitem dialogar com o objeto de estudo. Esses conceitos articulam-se em torno dos estudos da cultura, do turismo e da memória. Nesse sentido, foi realizada uma grande revisão bibliográfica para fundamentar esta proposta.

4.1 Cultura e comunidade: a história de uma comunidade de descendentes de imigrantes

Para tratar da cultura, usou-se a perspectiva de Cuche (2002, p. 44-45), quando o autor afirma que cada cultura possui sua originalidade, sendo única e específica. Ressalta a importância de estudar suas particularidades, indo além de descrever a história e fatos culturais, tendo o cuidado e a atenção de interpretar o conjunto de informações vinculado ao que se refere. Durham (2004) explica que as sociedades tradicionais ajudam a entender o funcionamento dos padrões culturais que são utilizados pela sociedade para entender suas práticas.

A cultura é um campo rico para qualquer pesquisador, mas deve-se ter em mente, ao pesquisar, que vivemos numa sociedade que tem uma história, e esse passado não pode ser menosprezado, porque há riscos de se perderem elementos que fazem parte da sua constituição. Esse raciocínio é corroborado por estudos da emigração europeia no Rio Grande do Sul, quando postulam que as colônias europeias tiveram certo isolamento do centro do estado, definido pelo governo, o que provocou a “formação de uma homogeneidade cultural, com acentos e graus diferentes, segundo os grupos e as circunstâncias” (MANFROI,1975, p.123).

Desse modo, é relevante para este estudo compreender os indivíduos como seres culturais, indiferentes aos seus níveis de escolaridade e de saberes, que se moldam, através das vivências sociais e das práticas culturais nas suas comunidades. Cuche (2002, p. 105) chama a atenção que Sapir (1949) define a cultura como “um conjunto de significações que são comunicados pelos indivíduos de um dado grupo através destas interações”.

Os estudos de comunidade mostram como os grupos se constituíram e como estabelecem suas relações. Cuche (2002), cita o pesquisador Franz Boas, em seus estudos, no qual define que a cultura tem suas particularidades e que são expressas por meio da língua, dos costumes e do jeito de ser. Quando apresenta o estudo *Raça, cultura e linguagem* de Boas, diz que este autor afirma:

> Cada cultura é dotada de um "estilo" particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas desta maneira. Este estilo, este "espírito" próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos (CUCHE, 2002, p. 45).

Dentro das falas de Cuche (2002) e Duhram (2004), pode-se identificar na localidade estudada a presença da imigração germânica. A germanidade e as questões cooperativistas transformam o local em algo único. Por sua vez, a multiculturalidade permite que o envolvimento com outras culturas ative o interesse de conhecer o lugar e se apropriar de sua história/cultura.

No Rio Grande do Sul, identifica-se, nas áreas de imigração europeia, a presença de diversas culturas que foram trazidas pelos imigrantes europeus, na época da ocupação do território a eles consignado. Havia a intenção do governo imperial de promover a formação de grupos "culturalmente homogêneos para fomentar a solidariedade étnica" (MANFROI, 1975, p.123). Após a formação dos primeiros núcleos coloniais, onde esse pressuposto era observado, houve a preocupação de distanciá-los, devido ao "perigo político que representava a presença de importantes grupos estrangeiros falando outra língua e vivendo outras tradições" (1975, p.123).

Nova Petrópolis foi colonizada por imigrantes germânicos, que deixaram sua pátria devido a grandes dificuldades, conforme Müller (2004), a Alemanha passava por momento difíceis e havia saído das Guerras Napoleônicas, causando grande devastação nas lavouras, residências em chamas, muitas mortes, jovens homens foram dizimados pela guerra.

Após estas guerras a população alemã passou por grandes dificuldades; os conflitos trouxeram avanços tecnológicos, e a industrialização na Europa causou a troca da mão de obra pelas máquinas, deixando levas de trabalhadores desempregados. Com todas as dificuldades, algumas regiões facilitaram a imigração, para diminuir a pressão demográfica e se livraram de marginais, indigentes e incapazes enviando-os para o Brasil. Complementando com as longas

guerras napoleônicas, os anos de 1816 e 1817 foram de pobreza, pestes nas lavouras, epidemias, fome e frio, tudo por influência da erupção do vulcão do Monte Tambora, no dia 10 de abril de 1815, em Sumbawa na Indonésia. Ao longo do ano seguinte, uma densa nuvem de cinzas pairou sobre os céus, impedindo a chegada dos raios de sol, gerando chuvas e geadas devastadoras. Ainda se somavam os trabalhos pouco remunerados e insalubres aos quais eram submetidos para o sustento da família. Alemães mais pobres se transformaram em escravos industriais, fatores que fizeram com que alemães e germânicos imigrassem para o Brasil (BRAUN, 2017, p. 13-16).

Arend e Witt (2005, p. 11) apresentam o lado brasileiro no interesse de trazer europeus para a América do Sul. Os portugueses necessitavam povoar esta região, principalmente por questões militares com conflitos na região do rio da Prata, que ameaçavam seu território. As distâncias para a proteção das fronteiras eram grandes, estando a mais de 1.500 quilômetros de Laguna e 2.500 km de São Paulo. As tentativas anteriores de povoamento, não surtiram efeitos, precisavam de pessoas que criassem vínculos com o local para defendê-lo. Havia critérios para a vinda de imigrantes: deviam ser casais que se multiplicassem em filhos para o povoamento local e defender seu Exército.

Com todas as questões e interesses apresentados por ambas as partes, houve um trabalho de divulgação persistente do major Jorge von Schaeffer, que foi enviado por Dom Pedro I para fazer propaganda do Brasil na Alemanha. No princípio, o foco eram nos militares para reforçar as fronteiras, colonos para trabalhar nos campos, com mão de obra familiar, para gerar economia para aquele local até então isolado. O major recebia pagamento por pessoa enviada; dessa forma obtinha lucros beneficiando o Brasil, povoando-o, e a Alemanha tinha redução do excesso populacional. A promessa tentadora de iniciar uma nova vida no Brasil, levava, principalmente, as famílias mais pobres a realizarem a difícil decisão de deixar seu país. Os preparativos iniciavam com a venda de bens e de suas terras e arrumavam os poucos pertences em baús:

> Difícil era a despedida dos parentes, cujos rostos nunca mais veriam. Ouviu-se muito choro e comoventes canções de despedida. Os emigrantes partiam na carroça do vizinho ou de trem até o porto de Hamburgo. Aí, precisavam aguardar a chegada do navio que os levariam para o outro lado do oceano Atlântico, para a América, para o desconhecido Brasil. Durante a espera, que podia durar semanas ou meses, os alemães gastavam suas

> poucas economias em alimentação (FLORES; ROCKENBACH, 2004, p. 11-13).

Ao chegar ao porto, ficavam em quarentena e recebiam o certificado de cidadania brasileira, pois, se se arrependessem, não poderiam voltar para a Alemanha. Partindo de Hamburgo, seguiam em navios transatlânticos, percorrendo 12.000 quilômetros e cerca de três meses de viagem. Devido à vulnerabilidade sanitária nos porões dos navios, vários imigrantes adoeciam, chegando à morte, onde os corpos eram enrolados em lençóis e jogados ao mar. Os sobreviventes chegavam ao Rio de Janeiro e ficavam aguardando por algum tempo, podendo durar meses a espera por pequenas embarcações que os levassem até Porto Alegre (BRAUN, 2017, p. 18-20).

Flores e Rockenbach (2004, p. 13-14) relatam que, em 17 de julho de 1824, chegaram os primeiros 39 imigrantes em Porto Alegre e, após seguiram em lanchões pelo rio dos Sinos, chegando na Real Feitoria do Linho-Cânhamo (atualmente São Leopoldo), no dia 25 de julho, onde havia um casarão governamental para armazenamento de insumos e linho-cânhamo, uma planta pequena fibrosa, utilizada para a confecção de cordas. No local, ficaram alojados por meio ano, aguardando a demarcação das terras. Entre 1824 e 1830, foram enviados por Schaeffer 5.350 imigrantes para São Leopoldo.

Os alemães chegaram em 1824 e ocuparam territórios próximos à capital, mas foram se expandido com o tempo:

> É fácil imaginar a viagem Sinos acima. Uma vegetação luxuriante, com árvores enormes e flores em profusão; muitos animais povoando as margens: jacarés, capivaras, ratões do banhado, fuinhas e, sem dúvida, alguma cobra deitada preguiçosamente sobre um tronco caído, ao vivo e em cores: garças, biguás, um mundo de pássaros coloridos. Numa palavra: um encanto! Um mundo novo à espera de quem fizera uma viagem de 12.000 quilômetros em busca de uma nova Pátria. Do rio, carretas de boi levaram os imigrantes até a Feitoria. Era o dia 25 de julho de 1824, um domingo, data da fundação do primeiro núcleo de colonização alemã no sul do Brasil, que viria a transformar-se na cidade de São Leopoldo. Reconhecida por todas as cidades de origem alemã no Estado, a data é festejada em todos os quadrantes (MÜLLER, 2004).

Entre 1830 até 1946, houve um período sem a vinda de imigrantes. Um dos motivos foi que o governo suprimiu todos os créditos para a vinda de estrangeiros, também em virtude dos dez anos da Revolução Farroupilha, que trouxeram grandes dificuldades e instabilidades para o Rio Grande do Sul, entre os anos de 1935 até

1945. A retomada iniciou em 1945, sendo fundadas novas colônias (TUBINO, 2007, p. 136).

Três leis auxiliaram para a retomada da imigração alemã. A Lei n. 514, de 28 de outubro de 1848, que concedeu a cada uma das Províncias “seis léguas em quadra de terras devolutas”, destinadas exclusivamente à colonização. Lei Geral de Terras, n. 601, de 18 de setembro de 1850, mudando a forma de acesso à terra no Brasil, sendo possível adquirir terras brasileiras somente através de compra. Assim, os imigrantes com poucos recursos acabavam trabalhando em fazendas, surgindo assim pequenas propriedades rurais no interior do estado. Por fim, a Lei Provincial n. 304, de 1854, que regulamentou a Lei de Terras no Rio Grande do Sul, estabeleceu condições que nortearam o processo de colonização. Até então os imigrantes recebiam as terras gratuitamente. Após a lei, foram instituídas regras legais. Eram demarcadas as terras e realizadas as medições, a divisão e a demarcação dos lotes que seriam colocados à venda com preço mínimo, ficando reservadas áreas para estradas, portos, igrejas, cemitérios e outras necessidades públicas. O pagamento teria que ser realizado em um período de cinco anos; ultrapassando este prazo, pagariam uma taxa de 1% ao mês. As terras ficavam hipotecadas até o débito. Ficava proibida a utilização de mão de obra escrava nas propriedades (ROCHE, 1969, p. 101-103).

Em 7 de setembro de 1858, foi fundada a Colônia Provincial de Nova Petrópolis. A área escolhida para a fundação da nova colônia ia além das divisas de São Leopoldo, mas não deixava de ser uma continuidade rumo ao norte da Capital da Província, povoando a região situada entre os rios Cadeias e Caí (PAZ, 2006, p. 16). Coube ao agrimensor argentino José Maria Vidal explorar, realizar as medições das terras da colônia e verificar se possuía boas condições para a agricultura, facilidades para o escoamento da produção local e comunicação entre as colônias. Segundo relatório de Vidal, “em virtude disto, criei aí uma colônia, e andei medir nesse lugar prazos coloniais e pela sua posição e configuração de seu terreno a denominei ‘Nova Petrópolis’” (PICCOLO, 1989, p. 50).

A Colônia Provincial de Nova Petrópolis foi planejada e dividida em lotes com, aproximadamente, 50 hectares cada, organizados em Linhas e Picadas, buscando proporcionar espaços com qualidade do solo e com água, divididos de 10 em 10 quilômetros. O surgimento de pequenos vilarejos, com o passar do tempo,

servia para abastecer a Sede Colonial, denominada de *Stadplatz*, atualmente centro do município (DEPPE, 1988, p. 47).

Piccolo (1989, p. 54-60) complementa ao trazer, Linha Imperial e Linha Olinda em 1858, como as primeiras localidades a serem estabelecidas em Nova Petrópolis, seguindo com Sebastopol em 1859, Linha Pirajá de 1860, 13 Colônias em 1866, Riachuelo em 1869, Linha Brasil em 1874, Linha Araripe em 1874 e Linha Gonçalves Dias, em 1877. Recebendo imigrantes da Renânia, Pomerânia, Saxônia, Baviera, Prússia e Boêmia.

Figura 2 – Mapa de Nova Petrópolis em 1870

Fonte: Disponível em: http://heuser.pro.br/showmedia.php?mediaID=749. Acesso em: 19 maio 2020.

A Colônia Provincial de Nova Petrópolis tornou-se distrito de São Sebastião do Caí em 1875 até 1955. Foi um período de dificuldades, devido à ausência de representantes administrativos, falta de recursos e à distância com o distrito. Foram anos de descontentamento e fortes atritos políticos, mas, em 24 de setembro de 1953, a Lei Estadual n. 2.116 estabelecia normas para a criação de novos municípios no Rio Grande do Sul, porém teriam que passar por um plebiscito, que aconteceu em 20 de dezembro de 1953. Votaram 1.771 eleitores habilitados para opinar pela emancipação política de Nova Petrópolis.

Quadro 1 – Resultado do plebiscito

LOCALIDADES	PRÓ-EMANCIPAÇÃO	CONTRA EMANCIPAÇÃO
Nova Petrópolis (sede)	380	00
Linha Brasil	34	47
Linha Araripe	61	23
Nove Colônias	95	11
Linha Olinda	127	04
Linha Imperial	223	17
Picada Café	93	16
Nova Palmira (parte)	124	08
Joaneta (São Leopoldo)	227	207
Ivoti	05	65
Totais	1.379	392

Fonte: Paz (2006).

Após a votação favorável e os esforços da comunidade, resultou na criação do município em 15 de dezembro de 1954, pela Lei n. 2.518, a mesma que determinou a instalação, em 28 de fevereiro de 1955; assim podiam eleger seu próprio prefeito e seus representantes na Câmara de Vereadores (PAZ, 2006, p. 67-92).

Esses colonos imigrantes estavam unidos pela língua materna, pois, no Rio Grande do Sul, estavam distantes dos centros urbanos e alocados em pequenas localidades; mantiveram sua língua, devido ao pouco contato com os gaúchos; além do mais, a fala era um meio de demonstrar afetuosidade à pátria-mãe, sua origem cultural e também era um ato de proteção e defesa comunitária. Esse isolamento favoreceu a formação de uma homogeneidade cultural, com acentos e graus diferentes, segundo os grupos e as circunstâncias. Essas homogeneidades foram formadas a partir da metade do século XIX no Sul do Brasil, de origem europeia. Carregavam elementos da cultura de partida, mantendo e adequando a nova sociedade a esses padrões. Muitos desses costumes que se mantiveram em algumas comunidades foram transportados na cultura da imigração e cultivados em suas localidades.

4.2 Turismo cultural e patrimônio local

O turismo cultural para aqueles que estudam o futuro do turismo apresenta múltiplas possibilidades. Baseia-se na possibilidade de incluir novos percursos e enriquecer os existentes, por meio do conhecimento da História. Para compreender o turismo cultural, inicia-se com Barbosa (2002, p. 24), relatando que as viagens

culturais iniciam no século XVI, através do Grand *Tour*, que retrata a viagem de jovens nobres, juntamente com seus professores, que ficavam cerca de três anos percorrendo o continente europeu, em busca de conhecimento e experiência.

O turismo cultural abrange as atividades de vivência do turista, juntamente com os elementos representativos da História, cultura e memória de uma comunidade. Dentro desta temática, existe o turismo histórico e cultural, que compreende o patrimônio. Consequentemente, a comunidade de Linha Imperial, que possui muitos bens culturais, deve garantir a preservação e a divulgação de seu patrimônio, por meio da história do cooperativismo, dos acontecimentos relevantes à localidade, aos prédios históricos, aos monumentos, por meio do reconhecimento de seus bens. As potencialidades turísticas podem ser fomentadas mediante investimentos públicos e privados, e contribuir para fortalecer a preservação e a valorização da comunidade.

Conforme o Ministério do Turismo (2010, p. 15) o segmento de Turismo Cultural "compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura".

Henriques (2003, p. 37) trata da cultura junto ao turismo, com uma dimensão ampla. Definindo e abrangendo a história que é transformada em patrimônio, representando as tradições culturais da comunidade, sendo transmitida de uma geração para outra. Esse patrimônio é visto como itens turísticos preservados, sendo prédios (igrejas, casas típicas) e acontecimentos históricos relacionados ao local. É nesta definição de cultura que se pode falar de turismo cultural em espaço urbano, concebido a partir da ideia de concentração espacial de recursos.

Segundo Beni (1998, p. 86), o "turismo é, em certo sentido, o instrumento que serve de veículo à reabilitação das culturas, contribuindo em grande medida para sua difusão mundial". Para Santos (2016, p. 22-24), o turismo cultural é uma incursão personalizada em outros locais e culturas para aprender sobre as pessoas, seus estilos de vida, seu legado, sua arte, seu patrimônio histórico e características, que devem ser mostradas de tal forma que representam genuinamente essas culturas e seus contextos históricos. Já para Dias (2006), o turismo cultural é um dos principais segmentos do turismo, e sua prática contribui para aumentar a consciência dos visitantes para a preservação da cultura local em todos os seus

aspectos, atraindo o tipo de público que está interessado em conhecer a singularidade de outros povos.

Por meio de estudo de McKercher (2002, p. 39),[3] foi possível identificar cinco tipos de turistas culturais. As necessidades podem ser outras e a cultura pode ser um forte atrativo. Gastal relata que,

> se as necessidades, em tempos mais antigos estavam vinculadas à premência biológica de sobrevivência, agora envolvem também o social e o cultural, antes campo exclusivo de desejos, ou seja, em outros tempos, teríamos necessidades biológicas e desejos culturais (2005, p. 67).

Contribuindo para a temática, Herédia e Tronca (2016, p. 355) apontam no turismo cultural um meio de preservação, pois se trata de uma comunidade que está ciente dos seus valores históricos; ainda abriga famílias que tiveram seus familiares envolvidos na construção da própria comunidade e de todo seu entorno. Os valores existentes fundamentam a necessidade da preservação e vislumbram uma possibilidade de abertura, no turismo cultural, para garantir a manutenção da sua própria história. Por sua vez, as autoras apresentam no turismo a oportunidade de preservação e divulgação do seu patrimônio.

Dessa forma, pode-se verificar a possibilidade de a Linha Imperial, com seu patrimônio cultural, ser transformada em objeto de turismo. “Não há dúvidas de que, ao falarmos de memória, e mais especialmente em lugares de memória, estamos falando de uma memória viva, que só existe em função de um grupo social que a alimente. ‘Turistificar’ a memória é, portanto, um fenômeno possível [...]” (PAULA; HERÉDIA, 2018, p. 20).

Ao abordarmos patrimônio, é importante ressaltar a definição do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), responsável pela preservação do patrimônio cultural brasileiro, que define o patrimônio cultural material como “arqueológico, paisagístico e etnográfico, histórico e belas artes, sendo que esses

---

[3] Este estudo foi realizado em Hong Kong, em 2002, com o intuito de classificar os tipos de turistas culturais da seguinte forma: 1) turistas culturais propositais, têm, como primeira motivação, a cultura, e vivenciam profundamente a cultura com a qual estão em contato; 2) turistas culturais a passeio caracterizam-se pela grande motivação para conhecer a cultura, porém não a vivenciam com profundidade; 3) turistas culturais casuais possuem motivação para a cultura, mas vivenciam uma experiência apenas superficial; 4) turistas culturais acidentais (aqueles que não estão absolutamente motivados pela oferta cultural e têm uma experiência superficial com a cultura). Finalmente, um grupo contraditório, os turistas espontâneos, aqueles que não se encontram motivados pela cultura, mas acabam tendo uma experiência profunda com ela.

podem ser móveis (como acervos museológicos, documentais e bibliográficos) e imóveis (como as cidades históricas e os sítios arqueológicos)" (IPHAN, s/d.).

Conforme o Iphan (s/d.), na Constituição Brasileira de 1988, patrimônio cultural tem a seguinte definição, no seu art. 216:

> Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:
> I – as formas de expressão;
> II – os modos de criar, fazer e viver;
> III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
> IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
> V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.
> § 1º. O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

Assim, são contemplados todos os aspectos construídos ao longo da vivência sócio-histórica da sociedade, no patrimônio cultural. Sobre o patrimônio cultural da humanidade, Barretto chama a atenção que

> o patrimônio cultural da humanidade pode ter a forma de monumentos, conjuntos e locais (sítios). Entende-se por monumentos: obras arquitetônicas, de escultura e pintura monumentais, elementos ou estruturas de caráter arqueológico, inscrições, cavernas e grupos de elementos que tenham um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência. Os conjuntos são agrupamentos de construções, isoladas ou reunidas, cuja arquitetura, cuja unidade e cuja integração com a paisagem lhes outorgue um valor universal excepcional do ponto de vista da história da arte ou da ciência. Os lugares são obras do homem ou obras conjuntas do homem e a natureza, assim como as zonas, incluídos os sítios arqueológicos que tenham um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico e antropológico (2007, p. 116).

O Ministério do Turismo (2010, p.16) trata da importância do patrimônio cultural ao desenvolvimento de produtos e promoção de empreendimentos turísticos "isto pode ser feito através de restaurantes dedicados à gastronomia tradicional, artesanato local na decoração e ambientação dos equipamentos, nas programações de entretenimento com manifestações culturais autênticas".

Ao falar de patrimônio, pode-se usar a expressão de Nora (1993), já conhecida e integrada em nossos estudos, de que o patrimônio é lugar de memória.

Assim sendo, possui relação entre os seres e as coisas presentes, gerando valores e significados a elas atribuídos.

O patrimônio é a valorização e o reconhecimento dado a um bem ou conjunto de bens. Sua finalidade é possibilitar que as pessoas possam reviver momentos do passado, produzindo uma identidade coletiva, quando representa os processos sociais ocorridos no local (BOURDIN, 2001, p. 28).

Contribuindo para esse raciocínio, Chuva (2009, p. 38) traz a importância e preocupação com o patrimônio, para que não seja apenas um meio da preservação de fatos do passado, mas que tenha como essência a garantia de preservar as vidas futuras. “Nessa concepção, o patrimônio que preserva hoje é considerado *nosso* patrimônio, na medida em que deve ser garantido aos que virão, ao mundo em que novas gerações viverão”. O turismo aparece como uma das maneiras para a manutenção e preservação de patrimônios, da história e das memórias.

4.3 Memória coletiva, a identidade local e lugar da memória

Halbwachs (1990, p. 31) postula que a memória se apresenta de duas formas, ou seja, a memória individual e a coletiva. A individual faz parte das lembranças dos indivíduos, sendo muitas vezes sustentada pela memória coletiva. Nas lembranças individuais, a necessidade tem um caráter coletivo; sendo assim, o indivíduo só é capaz de ter lembranças presenciadas, mas sustentadas e ancoradas em uma “comunidade afetiva”, que pode ser a família, a convivência com colegas de escola e em uma coletividade, a vizinhança, dentre outras. Halbwachs lembra que

> [...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos, nos quais, só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos, é porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (2006, p. 26).

Nesse contexto, a memória coletiva é importante para discutir a identidade do lugar, seus elementos identitários, ou seja, as maneiras de ser, de agir, de sentir da comunidade pelas lembranças daqueles que tiveram experiências na comunidade. A memória coletiva, nessa linha de raciocínio, é um importante meio

para a preservação da memória de uma localidade, identidade coletiva, histórias, lembranças e recordações, visando que elas não se percam no tempo e no espaço.

Para Candau (2011, p. 24) a memória coletiva é um fator de alta relevância e exclusividade para uma pesquisa; os questionamentos possíveis de sua eficácia são rebatidos, quando afirma que “um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros do grupo”.

Nora (1993) comenta que por meio da memória é possível alcançar informações importantes para o reconhecimento de lugares, e que, por meio dessas lembranças, é possível preencher lacunas da história, trazendo à tona novas informações e acontecimentos vivenciados. O autor conceitua memória, afirmando que

> [...] a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações [...] a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções (NORA, 1993, p. 9).

Segundo Sarlo (2007, p. 104), “a memória devia funcionar como mestre da política para que não se repetissem os equívocos da geração anterior, que não foi capaz de entender seu próprio presente”. O acesso à memória proporciona aos grupos visualizarem um caminho para sua identidade e o reconhecimento direto da sua história. Portanto, a memória coletiva se diferencia da história, segundo Halbwachs. Um dos entendimentos é a maneira como a memória se estabelece a partir das lembranças do grupo afetivo e da história, desde suas provas, ~~dos~~ seus documentos (HALBWACHS, 2013, p. 105).

Para compreender melhor a memória neste estudo, é importante o quadro de referências que se encontra na constituição da comunidade rural. No momento em que se define o estudo do registro de memórias, é necessário buscar o mais profundo conhecimento dos estudos realizados, dentro da temática proposta. Para tal, Candau (2012) diferencia a memória individual da coletiva. Segundo o autor, existem “memórias fracas” e “memórias fortes”. Pela “memória forte”, é possível organizar grupos sociais, gerando um reconhecimento entre os membros de seus acontecimentos, já a memória fraca ou “protomemória”, se dá por meio de repetições

ou, então, de hábitos que possuímos ou ações que praticamos. É importante informar que a memória pode ser analisada de várias formas:

> [...] Essas diferentes noções são perfeitamente adequadas para dar conta de certa realidade vivida por toda pessoa consciente. Andamos de bicicleta sem cair ou saudamos uma pessoa que encontramos na rua dotando uma gestualidade incorporada, da qual nem nos damos conta, devemos isso a protomemória. Em nossa vida cotidiana, mobilizamos regularmente múltiplas lembranças, recentes ou antigas [...] temos aqui duas formas de memória de alto nível. Enfim, cada um de nós tem uma ideia sobre a própria memória e é capaz de discorrer sobre ela [...] aqui se trata então da metamemória (CANDAU, 2012, p. 23-24).

Nora (1993) estuda os lugares de memória, como uma mescla de história e memória, mas sendo fundamental apresentar a origem que demonstre a memória, vinculada ao passado. Para ele,

> os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais (1993, p.13).

Corroborando os lugares de memória e seus meios de preservação, seguindo para um nível mais avançado, pode-se identificar esse cenário em bairros de diversas cidades. Muitos buscam, no passado, meios para preservar suas origens migratórias e seus bens, mediante a manutenção ou tombamentos de lugares, servindo como prova do interesse pela preservação. O esforço realizado pelas comunidades e seus moradores demonstram os significados ali existentes nas memórias e, por consequência, a manutenção da sua identidade (CANDAU, 2014, p. 157).

Ao falar de lugares e identidades, Candau afirma a indissociável relação entre memória e identidade:

> [...] memória e a identidade se concentram em lugares, e em lugares privilegiados, quase sempre com um nome, e que se constituem como referências perenes percebidas como um desafio ao tempo. A razão fundamental de ser um lugar de memória observa Pierre Nora, é a de deter o tempo, bloquear o trabalho de esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte. A função identitária desses lugares fica explícita na definição que é dada a eles pelo historiador: toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, da qual a vontade dos homens ou o trabalho do tempo fez um elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer. Um lugar de memória é um lugar onde a memória trabalha, o que mostrou Halbwachs desde 1941 em relação aos lugares santos. De acordo com a sugestão de Willem Frijhoff, um lugar de memória pode ser chamado em holandês *geheugeboei*, ou seja, baliza da memória, que é ao mesmo tempo baliza identitária (CANDAU, 2014, p. 156-157).

No estudo proposto, os moradores da Linha Imperial, em Nova Petrópolis, RS, elencam lugares e espaços que depositam suas lembranças e recordações e trazem suas memórias, fortalecendo o bairro e sua identidade coletiva. Lugares que possibilitam às pessoas envolverem o passado e o presente:

> Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mas ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio (HALBWACHS, 1990, p. 54).

O sentimento de pertencimento dos moradores da Linha Imperial são fomentos para que as memórias continuem presentes e vivas. Mas é razo ter memórias e lembranças e aprisionar em si. Halbwachs (1990) afirma que quanto mais é compartilhada a memória, mais ela se fixa e permanece:

> Sem essa mobilização da memória que é a transmissão, já não há nem socialização, nem educação, e, ao mesmo tempo, se admitimos, como diz E. Leach, que a cultura é uma tradição transmissível de comportamentos apreendidos, toda identidade cultural se torna impossível (CANDAU, 2014, p. 105).

Aquilo que é preservado e mantido é o centro das tradições e pode ser também um elemento da identidade:

> [...] é somente a imagem do espaço que, em razão de sua estabilidade, dá-nos a ilusão de não mudar através do tempo e de encontrar o passado no presente; mas é assim que podemos definir a memória; e o espaço só é suficientemente estável para poder durar sem envelhecer, nem perder nenhuma de suas partes (HALBWACHS, 2004, p. 167).

Candau (2014, p. 106) reforça a questão de repassar as lembranças, quando questiona: “Se memorizar serve para transmitir, é o conteúdo transmitido ou o laço social que gera a transmissão?” Na Linha Imperial, os laços sociais são fortes, e o vínculo entre familiares, vizinhos, pequenos empresários, professores, idosos, lideranças sociais e religiosas, dentre outros, é vivido diariamente e se relaciona mutuamente. “Quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele transforma a sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais

que a ele resistem. Ele se fecha no quadro que constitui" (HALBWACHS, 1990, p. 133).

Assim se constrói uma identidade local; "a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros" (POLLAK, 1992, p. 204). Demonstra-se essas ligações, por meio da memória e da identidade:

> A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 203).

Na construção dessa identidade, Silva (2000, p. 82) destaca que é necessário fazer renúncias, buscando a diferenciação e fortalecendo sua homogeneidade. "A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais".

A identidade e a diferença se traduzem em declarações sobre quem pertence e não pertence. Sendo assim, delimita e separa o que fica dentro ou fora. Essas delimitações afirmam uma relação de poder:

> A identidade é um significado – cultural e socialmente atribuído. A teoria cultural recentemente expressa essa mesma ideia por meio do conceito de representação. Para a teoria cultural contemporânea, a identidade e a diferença estão estreitamente associadas a sistemas de representação (SILVA, 2000, p. 89).

4.4 Comunidades de origem migratória e as dinâmicas culturais

A Linha Imperial possui uma posição estratégica, no Município de Nova Petrópolis, que se localiza no nordeste do Rio Grande do Sul, na Região das Hortênsias, uma das regiões turísticas mais importantes do Brasil, juntamente com os Municípios de Gramado, Canela, São Francisco de Paula, Picada Café e Caxias do Sul, conforme o Mapa do Turismo do governo federal de 2017 – 2019 (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2019).

Figura 3 – Mapa Rota Romântica, demonstrando a localização de Linha Imperial (editada pelo autor)

Fonte: Disponível em: http://heuser.pro.br/showmedia.php?mediaID=749. Acesso em: 19 maio 2020.

Esta Linha, colonizada por imigrantes germânicos, que deixaram sua pátria e se deslocaram para o Brasil em busca de novas oportunidades, é também conhecida como berço do cooperativismo de crédito rural, especialmente por sediar a primeira Cooperativa de Crédito da América Latina.[4] Nova Petrópolis dispõe de muitas atrações, e seu interior reserva surpresas positivas, como é o caso da Linha Imperial, com belos jardins e sua praça florida, casarões antigos, meios de hospedagem, locais para alimentação, estabelecimentos comerciais e belezas naturais. Localiza-se às margens da rodovia RS-235, entre os Municípios de Nova Petrópolis e Gramado. Faz divisa em seus limites com os seguintes bairros: Linha Brasil, Pinhal Alto, Nove Colônias, Bairro Piá, Vale Verde e Linha Pirajá.

[4] Essa cooperativa de crédito rural está ativa desde 28 de dezembro de 1902. Estamos falando da Caixa de Economias e Empréstimos Amstad, na comunidade de Linha Imperial, que teve como líder o Padre Theodor Amstad, pioneiro do cooperativismo no Brasil. Naquela época, não existiam bancos; desta forma todos os moradores necessitavam se deslocar até São Sebastião do Caí para ter acesso ao serviço (PAZ, 2006, p. 311).

Figura 4 – Mapa Turístico de Nova Petrópolis, demonstrando a localização de Linha Imperial

Fonte: Disponível em: https://turismo.novapetropolis.rs.gov.br/images/mapa-turistico.jpg. Acesso em: 09 fev 2022.

Tais relatos estão relacionados às falas de Alberto Hillebrand: “[...] os Oppici foram os primeiros moradores da aldeia de Blottendorf, na Boêmia [...]. Os Hillebrand são de Dittersbach, Friedland [...]” e Leonda Elvira Hillebrand “[...] Meu pai é da Áustria, de Haida, na Boêmia” (DEPPE, 1988, p. 59). Seguindo na mesma linha, Werno B. Neumann declara:

> [...] Meus antepassados Neumann emigraram em 1876 e eram naturais de Dittersbasch, Friedland na Boêmia, Áustria. Vieram o avô Anton Neumann com 69 anos, seu filho José Neumann Senior e José Neumann Filho. Os antepassados Raimann e Hillebrand também são da mesma localidade da Boêmia (*apud* DEPPE, 1988, p. 65).

Após chegar no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, os imigrantes se deslocavam em pequenas lanchas até São Sebastião do Caí e, depois, se deslocavam até Linha Imperial em lombo de mulas, percorrendo matas fechadas conforme relata Leonda Elvira Hillebrand: “A mudança foi toda transportada no lombo de mulas”. Havia uma organização no deslocamento desses imigrantes até as novas terras, conforme relata que foi acompanhada por uma negra no deslocamento: “Minha mãe sentou na garupa da mula com a negrinha, esta comia pedaços de pão pelo caminho [...]. Sempre oferecia para a minha mãe [...]. A

negrinha acompanhou os imigrantes até Nova Petrópolis e, em seguida, voltou; ela mostrou apenas o caminho [...]" (DEPPE, 1988, p. 75).

Para esses imigrantes existiam dois fatores muito importantes que vinham da sua antiga pátria: o religioso e o social. Chegaram ao Brasil e não encontraram escolas e igrejas, sendo uma grande decepção. "Quando chegamos e nos disseram que esta era a terra, a minha mãe sentou-se sobre um caixote e começou a chorar. Onde está a igreja? Onde está a escola para os meus filhos?" (DEPPE, 1988, p. 87).

Conforme Deppe (1988, p. 87-89), para reparar e buscar melhor qualidade de vida aos imigrantes, foram enviados o Pastor Heinrich Hunsche por parte dos evangélicos e para os católicos o Padre Theodor Amstad, que dedicou sua vida às colônias, transformando-se em um líder espiritual para os colonos. Após um duro trabalho, foram se desenvolvendo comunidades como a de Linha Imperial; surgiram casas, comércios, escolas, igreja, sociedade e a cooperativa, esta foi um dos grandes legados de Amstad.

Nova Petrópolis é o berço do Cooperativismo de Crédito Rural, especialmente por sediar a primeira Cooperativa de Crédito da América Latina, em atividade desde 28 de dezembro de 1902. Estamos falando da Caixa de Economias e Empréstimos Amstad, que teve como líder o Padre Theodor Amstad, pioneiro do cooperativismo no Brasil. Naquela época, não existiam bancos; desta forma todos os moradores necessitavam se deslocar até São Sebastião do Caí para ter acesso ao serviço (PAZ, 2006, p. 311).

Nova Petrópolis conquistou o título de Capital Nacional do Cooperativismo através da Lei Federal n. 12.205/2010, em virtude do seu valor histórico e por ainda possuir nove cooperativas em atividades, sendo que cinco delas são de origem local, reafirmando o título recebido (NOVA PETRÓPOLIS, s/d.).

Figura 5 – Nova Petrópolis, Capital Nacional do Cooperativismo

Fonte: Disponível em: https://www.novapetropolis.rs.gov.br/. Acesso em: 31 jun. 2020.

Marra apresenta um breve histórico do Padre Amstad:

> O padre Theodor Amstad, conhecido como o “Pai dos Colonos”, nasceu em Beckenried, à beira do Lago dos Quatro Cantões, na Suíça, em 9 de novembro de 1851. Era filho de um comerciante e descendente direto, em 13º grau, de São Nicolau de Fue, padroeiro da Suíça. Lá ele estudou, e ordenou-se padre jesuíta em 8 de setembro de 1883, na Inglaterra. Em 1885, veio ao Brasil e trabalhou nas colônias de descendência alemã do Rio Grande do Sul (MARRA, s/d., p. 36).

O Padre tinha como objetivo, ao chegar no Brasil, fundar uma instituição de crédito e, não sendo um acontecimento do acaso, “desde que cheguei ao Brasil, ocupava-me com o plano de neste belo e rico país, descobrir a modalidade de fundar uma verdadeira ação associativa, que fosse de utilidade comunitária” (AMSTAD, 1981, p. 196).

Figura 6 – Padre Amstad

Fonte: Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/08/06/ce-aprova-titulo-de-patrono-do-cooperativismo-brasileiro-a-theodor-amstad. Acesso em: 31 jun. 2020.

Conforme Kleemann (2013, p. 19-29), durante 38 anos percorreu diversas regiões do Rio Grande do Sul, no lombo de uma mula, quando fundou 38 cooperativas, sindicatos, hospitais, asilos, escolas, meios de comunicação, igrejas e até novas colônias, como Cerro Largo e Santo Cristo. Amstad era organizado e possuía uma ficha-catálogo com o nome dos moradores da região. Por meio destes dados, verificou que sua comunidade, religiosamente, estava bem-acolhida, porém, economicamente não, então com seus conhecimentos iniciou o processo da constituição de uma cooperativa de crédito em Nova Petrópolis.

Os primeiros passos para a fundação ocorreram no dia 19/10/1902 em Nova Petrópolis, então 3º distrito do Município de São Sebastião do Caí. A reunião marcada era para tratar dos assuntos do Sindicato Agrícola, porém se fizeram presentes somente os moradores da localidade, e o que era para ser uma assembleia geral se transformou em reunião só do distrito de Nova Petrópolis, sendo abordados temas locais. Por fim, Amstad pediu a palavra e mencionou as dificuldades financeiras na colônia, apresentando o projeto da cooperativa de crédito, trazendo o exemplo europeu aos presentes. O projeto teve adeptos, porém a maioria estava contrária, era pessimista à proposta, mas Amstad não recuou e, de forma estratégica, renovou os apelos e fez com que cada um ali presente se manifestasse. Assim, por meio das informações e opiniões ditas, conseguiu mais adeptos para a criação, por meio da insistência, alcançando 15 adeptos e, na oportunidade, o Sr. Anton Maria Feix foi designado a elaborar uma minuta de Estatuto Social que seria debatido em nova reunião, no dia 9/11/1902 (SICREDI PIONEIRA RS, s/d.).

Muitos interessados se fizeram presentes no dia proposto, quando foi iniciada a leitura do estatuto proposto por Feix, mas a reunião foi interrompida devido ao forte temporal que atingia Nova Petrópolis. Todos deixam o local às pressas para se proteger. Por consequência dos fortes ventos, o prédio da reunião desmorona e, na região, inúmeros prejuízos são registrados. Nova reunião foi marcada para o dia 23/11/1902, que também foi adiada dado o falecimento da esposa do Dr. Johann Müller Von Milasch, que era um dos mais entusiasmados com o projeto. Aparentando que tudo conspirava contra as ideias de Amstad, em nova reunião em 28/12/1092, no salão de baile Kehl, em Linha Imperial, ~~longe~~ distante 8 km do centro de Nova Petrópolis, aprovaram os estatutos e foi fundada a Caixa Econômica de Empréstimos Amstad, hoje é a Sicredi Pioneira RS, uma das 10 maiores cooperativas financeiras do Brasil. Vinte pessoas assinaram a ata, dentre elas, naturalmente, o Padre Amstad. Da Ata de fundação, redigida em língua alemã pelo próprio Padre Amstad, temos a seguinte tradução:

> Ata de fundação da Sociedade Cooperativa Caixa de Economia e Empréstimos de Nova Petrópolis, realizada na casa do Sr. Nicolau Kehl, no dia 28 de dezembro de 1902, em Linha Imperial. Os 19 sócios, abaixo assinados, fundaram definitivamente a Caixa de Economia e Empréstimos Amstad e aprovaram os estatutos apresentados com pequenas alterações. Pela elaboração abnegada e bem-feita dos estatutos pelo Sr. Anton Maria

> Feix, a assembleia agradeceu calorosamente. Logo após o registro, a Caixa deverá começar a funcionar. As cotas de capital de giro deverão ser pagas até o dia 15 de janeiro do próximo ano. Como tesoureiro provisório foi escolhido o Sr. Josef Neumann Senior, encarregado de tomar as devidas providências. Nome dos sócios fundadores presentes: Alfred Steglich, August Stahl, Hermann Kaiser, Jacob Krug, Franz Raimann, Nicolaus Stahl, Anton Maria Feix, Josef Oppitz, Nicolaus Kehl, Josef Hillebrand, Franz Hillebrand, Anton John, Carl Bratz, Josef Neumann Filho, Johann Brunner, Franz Opppitz, Albert Drechsler, Friederich Stoffels e Johann Grings (COOPERATIVISMO DE CRÉDITO, s/d.).

Figura 7 – Os fundadores da Caixa Econômica de Empréstimo Amstad, em destaque Padre Amstad

Fonte: Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/87398/000908168.pdf?sequence=. Acesso em: 31 jun. 2020.

Figura 8 – Linha Imperial em 1910

Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Nova Petrópolis.

Entre 1903 até 1933, a sede da instituição funcionou na casa, em estilo enxaimel, datada de 1900, de Joseph Neumann Senior, que foi o primeiro gerente da Caixa Econômica de Empréstimo Amstad (CAPITAL DO COOPERATIVISMO, s/d.).

Figura 9 – José Otto Neumann atuando na Caixa Econômica ao lado do cofre

Fonte: Disponível em: http://www.capitaldocooperativismo.com.br/cooperativismo/roteiro.asp. Acesso em: 31 jun. 2020.

Cooperativismo de Crédito (s/d.), em 1933 foi transferida para a casa do então gerente José Otto Neumann na vila de Linha Imperial. Em 1952, foi colocada a pedra angular do prédio em evento solene, com a presença do então governador do estado, General Ernesto Dornelles, contando com mais de 1.500 pessoas no ato. No ano de 1953, a sede foi transferida para o primeiro prédio novo, localizado ao lado da Praça Padre Amstad. Em 1958 é criada a filial, no centro de Nova Petrópolis.

Figura 10 – Solenidade dos 50 anos, em 1952 e lançamento da pedra fundamental da sede própria

Fonte: Acervo de Célia Weber Heylmann.

Figura 11 – Sede própria concluída em 1953

Fonte: Acervo de Célia Weber Heylmann.

Verifica-se, defronte da terceira sede, a Praça Theodor Amstad, juntamente com o monumento em homenagem ao Padre Amstad, inaugurado em 1942. Nesta praça, ainda se encontra o monumento À Irmandade, representando a irmandade com os municípios de *Jablonec nad Nisou*, na República Tcheca e *Sunchales*, na Argentina, que é a Capital do Cooperativismo naquele país.

Figura 12 – Construção da Praça

Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Nova Petrópolis.

Figura 13 – Construção da Praça

Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Nova Petrópolis.

Encontra-se, no entorno da praça, a Igreja São Lourenço Mártir, onde Amstad foi o primeiro pároco e, no seu interior, o monumento original em bronze do precursor do cooperativismo. Os restos mortais de Amstad estão depositados defronte à igreja, em mausoléu inaugurado em 1988, no translado dos restos mortais para o local, quando do cinquentenário de seu falecimento. Lá está também a Pedra-Monumento, que se refere à ideia dita por Amstad:

> "Pois se uma grande pedra se atravessa no caminho e 20 pessoas querem passar, não o conseguirão, se um por um a procuram remover individualmente. Mas se as 20 pessoas se unem e fazem força ao mesmo tempo, sob a orientação de um deles, conseguirão solidariamente afastar a pedra e abrir o caminho para todos."

Dentre os atrativos no local, está a própria 3ª sede da cooperativa que abriga uma agência do Sicredi e o Memorial Padre Amstad, onde existem peças e fotografias que contam os passos do patrono do cooperativismo na América Latina. No mesmo prédio, está instalada a sede da Casa Cooperativa de Nova Petrópolis.

Figura 14 – Praça Theodor Amstad, em julho de 1942, antes da inauguração do monumento

Fonte: Disponível em: http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2019/05/origens-do-sicredi-e-do-cooperativismo-de-credito-em-nova-petropolis-10940383.html. Acesso em: 31 jun. 2020.

A comunidade tem muita história e, por meio de prédios históricos e monumentos, homenageia elementos importantes na sua formação. Alguns desses elementos têm destaque, como o monumento em homenagem ao Padre Theodor Amstad, que dá nome à praça da localidade; o monumento à Irmandade, prédios antigos que possuíam caráter comercial, a Igreja São Lourenço Mártir, o mausoléu com os restos mortais do Padre Amstad, Memorial do Padre Amstad, antigos prédios da Caixa Econômica Rural, museu, Sociedade Cultural e Esportiva dentre outros.

A maioria dos elementos citados foram construídos pelos antigos descendentes de imigrantes e deve-se ao envolvimento de moradores da localidade, por meio de mutirões. Exemplo desse envolvimento é a praça, que foi construída

pelos habitantes. O local era um banhado que foi aterrado com pedras retiradas das roças dos agricultores. O trabalho era realizado à luz do luar e, quando necessário, era usada energia elétrica, apesar das dificuldades do uso de um gerador de uma usina instalada nas proximidades.

Segundo Hillebrand, nascido em 1902, houve muitos esforços e dedicação daqueles que se envolveram na construção da praça na Linha Imperial. Estudiosa de Nova Petrópolis cita relatos de antigos moradores que comentam acerca da construção da praça:

> [...] durante o dia trabalhávamos na roça. À noite íamos com carroças de bois para a praça, tudo era um banhado só e tinha que ser aterrado. Quantas noites nós trabalhávamos até 11 ou 12 horas [...]. Um dos grandes objetivos da construção foi para reunir as pessoas que participariam do Congresso da União Popular em 1940, onde esperavam, ali na praça em torno de 5 mil pessoas (*apud* DEPPE, 1988, p. 8).

De acordo com Heylmann (2019), conhecido como Goiabão, morador de Linha Imperial, ao ser abordado pela construção da praça, ele relembra:

> A praça, ela era propriedade dos Neumann que também eram donos “duma” cervejaria, fábrica de guaraná e também de vinho [...]. Aí quiseram fazer um memorial, para memorizar, então, para tornar imortal o Padre Amstad. Fizeram uma praça que serviria para fazer, então, as reuniões e todo mundo poder passear. Isso era um banhado, uma área de banhado [...] lembro que o Guido Neumann, falava nas horas de canto no coral [...] “numa” certa noite para ajudar, eles faziam muito as obras de noite, a construção da praça. “Numa” vez tinham contado 22 carretas de boi, entre eles evangélicos e católicos, ajudando, “ahãm”, no aterro e no embelezar para fazer a praça, “ahãm”, de lá vieram de Linha Brasil, Linha Araripe, ali do Morro da Fome que é do outro lado do morro.

O relato de Heylmann (2019) discorre sobre detalhes da construção da praça, mostrando um espírito comunitário, associativista e de característica homogênea, demonstrando a força da comunidade no envolvimento coletivo para a construção da praça, independentemente da religião e da profissão. Modelo que se aplicava em outras construções e ações dessa comunidade.

Cabe, agora, refletir e articular sobre o turismo cultural, história, identidade, memória e patrimônio, para definir e formatar um produto turístico para a comunidade de Linha Imperial. Há que se buscar meios teóricos, para embasar e planejar um destino turístico. Trata-se de um estudo importante e necessário para a preservação e o desenvolvimento do local.

Ao abordar produto turístico, é preciso defini-lo; sendo assim, trata-se de um conjunto de bens e serviços disponibilizados em determinado destino, norteado por equipamentos turísticos, disponíveis para o visitante, que atendam, de forma satisfatória, suas demandas e necessidades (HENRIQUES, 2003).

Henriques (2003, p. 30-31) apresenta a importância da constituição de destinos turísticos. “É o encontro do ‘prazer’ na cidade”, através do reconhecimento de que a cidade é feita [...] [por] homens e para os homens.” Ações turísticas e planejamento possibilitam a transformação do lugar e integração, podendo em harmonia visitantes e moradores ocuparem o mesmo espaço, sendo beneficiados por meio de oportunidades criadas para ambos.

Inicialmente, o planejamento é baseado em um estudo e na definição de um local, onde se encontram similaridades, sejam econômicas, sejam sociais e culturais. Havendo indicadores similares, conjuga-se determinada identidade, o que qualifica o espaço como homogêneo e contínuo (BOULLÓN, 2002, p. 71).

Ao falar de espaços, precisamos elencar os tipos de espaços físicos com os quais se está trabalhando no estudo: espaço cultural e espaço turístico. O espaço cultural trata de um espaço alterado pela ação do homem. “Para destacar que o espaço cultural é consequência do trabalho do homem, voltado ao acondicionamento do solo e suas necessidades.” Por sua vez, o espaço turístico é a presença e distribuição territorial de atrativos turísticos, juntamente com o patrimônio turístico, a infraestrutura e os equipamentos, segmentos necessários para definir um espaço turístico (BOULLÓN, 2002, p. 78-80).

É necessária a definição de um espaço turístico de atuação delimitado, revisando e inventariando os serviços e potenciais turísticos existentes no local, visando um planejamento coerente e eficiente (BOULLÓN, 2002, p. 251).

Também é preciso avaliar os atrativos turísticos disponíveis e sua relevância, utilizando critérios de avaliação, verificando as questões históricas do local, acontecimentos, atrativos, infraestrutura local, gastronomia, além das questões naturais e sociais (HENRIQUES, 2003).

Trindade, César e Vianna (2019, p. 656) apontam, no planejamento turístico, o alicerce, visando potencializar o local, utilizando os recursos existentes “obedecendo aos pressupostos da preservação presente e futura do meio ambiente, do patrimônio e da identidade cultural, buscando o aumento da qualidade de vida da população e a satisfação do turista”.

Henriques (2003) apresenta o estudo realizado por Gunn (1988), em que define o planejamento turístico em três etapas, sendo o primeiro o planejamento turístico contínuo, que envolve agentes do setor público e privado; na sequência, há o planejamento estratégico, que engloba linhas de trabalho e definições do programa de desenvolvimento, por fim, o planejamento turístico local trabalha na organização, envolvido por objetivos e metas, por vezes evitando problemas futuros.

Importante no planejamento é ter a população inserida e envolvida em todo o processo, gerando um sentimento de pertencimento:

> A participação organizada da população-alvo em todas as etapas do processo de planejamento é a forma ideal para que a intervenção tenha maior probabilidade de sustentabilidade e sucesso. Nesse sentido, a intervenção pública deve ser uma intervenção social participativa, ou seja, com a participação organizada das comunidades beneficiárias e outros atores sociais pertinentes. Logo, dentre outros, a organização da comunidade é um requisito para a participação e sustentabilidade do processo (BENI, 2006, p.7).

Ao falar em participação da comunidade, é necessário um envolvimento da governança de turismo de Nova Petrópolis, o que corrobora a localidade e auxilia nos seus processos, buscando e visando um desenvolvimento sustentável. Ação que torna a comunidade local, ainda mais participativa nas decisões e nos rumos do turismo municipal, mas, principalmente, do seu espaço (TRINDADE; CÉSAR; VIANNA, 2019, p. 659).

Seguindo na questão da participação de diversos atores no desenvolvimento local, há o estudo de Camargo:

> [...] atividades apoiadas em objetivos comuns e partilhadas que abrangem tanto as instituições governamentais quanto mecanismos informais, de caráter não governamental [e mistos – parceria entre governo e sociedade], mas que só funcionam, se forem aceitos pela maioria ou, mais precisamente, pelos principais atores de um determinado processo (2003, p. 307).

Através das informações, pode-se verificar, na Linha Imperial, a possibilidade de ser criado um produto turístico e transformá-lo em uma localidade turística, por meio do patrimônio histórico/cultural, da memória, dos atrativos naturais, da gastronomia, dos acessos, da infraestrutura básica e complementar, dos equipamentos turísticos, indicadores sociais positivos dentre outros.

5 METODOLOGIA

Definir os procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa torna-se importante para seu entendimento. Considerando o tema e a sua relevância, bem como os objetivos que se pretende atingir, optou-se por realizar um estudo qualitativo, de natureza exploratória, a partir do método de história oral. O uso da História Oral se justifica, a partir do conceito de Portelli (1997), que diz em sua obra literária que a História Oral é a “arte da escuta”. Para saber o que os moradores mais antigos da comunidade lembram acerca de sua comunidade, escolheu-se esse método.

5.1 Método: história oral

Como método foi utilizada a História Oral, que se apresenta como um caminho metodológico competente, para dar voz aos sujeitos, o que possibilita a construção da história. Por meio de relatos individuais ou coletivos, atores protagonistas ou testemunhas de acontecimentos falam de eventos que podem ajudar a preencher lacunas do objeto em estudo.

Conforme Portelli (1997, p. 26-29), a História Oral tem relação direta com as questões culturais, sociais e históricas, que são questionadas por meio do discurso e experiências vividas por sujeitos, narrativas com conteúdo e significação, construídas ao longo da sua vida. Por tanto, as narrativas construídas são reflexos e representações daquele sujeito ou grupo, contendo muitas lembranças e, por consequência, esquecimentos de um período longínquo. Reforçando a importância de manter viva e valorizar a memória do homem, Thompson defende a história oral como possibilidade de resgate da memória.

> [...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Seguindo o pensamento de Portelli (2016), a História Oral pode colaborar para articular os fatos históricos e eventos, por meio da memória. A memória que é abordada e analisada, não apenas pelo conteúdo, mas como um meio de elaboração e reconstrução dos significados. Para Portelli (2016, p. 12), “a história

oral, no entanto, não diz respeito só ao evento. Diz respeito ao lugar e ao significado do evento dentro da dos narradores [...]".

Nesse contexto, para conhecer a memória coletiva de um grupo social, a História Oral pode ser um procedimento. Segundo Halbwachs,

> [...] a história oral é um procedimento, um meio, um caminho para produção do conhecimento histórico. Traz em si um duplo ensinamento: sobre a época enfocada pelo depoimento, o tempo passado, e sobre a época na qual o depoimento foi produzido – o tempo presente. Trata-se, portanto, de uma produção especializada de documentos e fontes, realizada com interferência do historiador e na qual se cruzam intersubjetividades (HALBWACHS, 2006, p. 32).

Almeida (2001, p. 147) justifica a importância do método, dizendo que as entrevistas fornecem dados e peculiaridades. Argumenta que "nada melhor do que ouvir as pessoas, escutar suas lembranças, comparar suas falas, percebendo diferenças e semelhanças entre elas".

5.2 Entrevista-narrativa

Para Jovchelovitch e Bauer (2002), as narrativas oferecem uma infinita variedade de informações. Os autores reafirmam seu pensamento ao exemplificar que os indivíduos necessitam se comunicar e falar de acontecimentos, experiências, independentemente da qualidade e desenvoltura da linguagem utilizada. As entrevistas trazem detalhamentos por meio dos dados do que está sendo pesquisado.

As entrevistas narrativas se caracterizam como método não estruturados, que têm como objetivo a profundidade de informações específicas, e oferecem aprofundamentos muito além do esquema de perguntas e respostas, o que delimita e define as situações via perguntas. Por sua vez, a narrativa busca a mínima interferência e influência possível no decorrer da entrevista, possibilitando ao entrevistado maior liberdade e autonomia no seu relato; acredita-se que o entrevistado tem maior autonomia e liberdade no uso de linguagens do seu cotidiano, ao narrar fatos (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 96).

Para a realização das entrevistas, Jovchelovitch e Bauer (2011, p. 97-98) afirmam que essa técnica deve seguir cinco fases: preparação, iniciação, narração central, fase de perguntas e fala conclusiva. A preparação da entrevista consiste na

exploração, pesquisa, no conhecimento e domínio do assunto abordado. Com base nos estudos preliminares e preparação, é realizada uma listagem com perguntas. Na fase dois, que contempla a iniciação, ocorre a fase inicial da entrevista, em que é apresentada a pesquisa que está sendo realizada, solicitando permissão para gravar a entrevista, que permitirá análise mais aprofundada dos relatos, posteriormente; também são explicados ao entrevistado os procedimentos da entrevista narrativa e, por fim, é apresentado um tópico inicial, conforme interesse e direcionamento do entrevistador, que já terão sido predeterminados na fase de preparação.

No que concerne a fase da narração central, quando não se interrompe, até o momento em que o informante encerra sua fala ou apresente sinais de que terminou a história. Nesse processo, o entrevistador pode anotar dúvidas para perguntar posteriormente, podendo desenvolver e aprofundar a temática (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2011, p. 99).

Finalizando a entrevista, chega-se na fase dos questionamentos, após esgotarem-se as informações do entrevistado no roteiro pré-existente; então, as perguntas servirão para preencher lacunas percebidas pelo entrevistador, podendo buscar detalhes com o informante, enriquecendo ainda mais o estudo e trazendo informações importantes, todas elas embasadas nas memórias dos indivíduos (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2011, p. 99-100)

Creswell (2014, p. 98-99) define que as entrevistas narrativas viabilizam a busca detalhada das histórias, das experiências de vida do sujeito ou coletivas. É importante destinar um tempo compatível e necessário com o entrevistado e capturar os dados por diversos meios e fontes, sendo de origem pessoal, familiar ou social. Cartas, fotos, jornais, diários e outros documentos são alguns exemplos. É importante estar atento para contextualizar o sujeito com as questões pessoais, culturais e históricas da pesquisa. É essencial compilar as narrativas e demais informações captadas, visando a construção de uma estrutura para, consequentemente, inserir a história em uma sequência cronológica. Por fim, a troca do pesquisador e a colaboração do entrevistado acabam envolvidas na pesquisa, de modo que, ao final, ambos saem modificadas desse encontro.

5.3 Fontes

A presente proposta fez uso da pesquisa documental, ou seja, dados e informações que ajudem a explicitar o objeto em estudo. As fontes documentais podem ser Atas, atos governamentais, fotografias, jornais, arquivos públicos e privados, entrevistas já realizadas em outras pesquisas, sendo que estas fontes podem ser encontradas em bibliotecas, acervos, arquivos, entidades e estar em acervos de pessoas. Assim, partindo da ideia *a priori* de que não existe um único discurso sobre o tema abordado, as diferentes fontes documentais permitem uma leitura da comunidade, proporcionando que as diversas fontes colaborem para a pesquisa.

Os documentos foram usados para enriquecer a pesquisa. Bruyne *et al.* (1982, p. 214) explicitam que a análise documental pode ser um modo de coleta, iniciando pelas fontes que são privados ou oficiais, por meio de arquivos ou documentos ligados ao estudo. Estes autores mostram as vantagens e os limites da análise documental, chamando a atenção para a importância dos documentos.

É importante ressaltar que várias entrevistas feitas em pesquisas anteriores foram usadas, uma vez que tornaram-se documentos da cidade. Entre elas a pesquisa de Gessy Deppe (1988) e Helga Piccollo, (1989).

5.4 Escolha da amostra: critérios de seleção

A coleta dos dados da pesquisa foi realizada por intermédio de uma pesquisa de campo, que buscou conhecer a posição dos sujeitos que tiveram ou tinham vinculação ao tema proposto. A pesquisa de campo tem o objetivo de “conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta” (PRODONAV; FREITAS, 2013, p. 59). Conforme Gonsalves (2001, p. 67), “a pesquisa de campo pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada” e exige um encontro mais direto do pesquisador no espaço, no qual o fenômeno ocorre ou ocorreu, reunindo um conjunto de informações a serem documentadas.

A pesquisa de campo foi realizada por entrevistas individuais guiadas com os sujeitos definidos pelo estudo. Os sujeitos permitiram a gravação e assinaram o

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A transcrição das entrevistas forma o *corpus* da pesquisa.

Os critérios estabelecidos para a seleção dos entrevistados foram pessoas que possuem ligação ou parentes próximos que participação na construção da história da comunidade, tendo vivenciado acontecimentos relevantes no desenvolvimento comunitário da Linha Imperial.

A amostra foi constituída por dez entrevistas, realizadas pelo autor desta pesquisa, entre 18/9/2020 e 16/1/2021, em Linha Imperial. Os entrevistados foram consultados sobre a possibilidade de participar da pesquisa. A amostra foi por conveniência, uma vez que os critérios definidos visavam a democratização do conhecimento sobre o passado e o reconhecimento das diferentes vozes que o traduzem no presente; o interesse em se aproximar do “senso comum” e em ampliar o acesso aos bens culturais e aos testemunhos da história; o interesse pela memória e a construção da identidade coletiva. As falas representam um recurso importante que amplia e aprofunda a participação da comunidade, contribuindo de forma especial para desenvolver um sentido ao lugar e transmitir seus valores para as novas gerações (FREIRE; PEREIRA, 2002).

As entrevistas foram realizadas no período de pandemia. Foram contatados todos os entrevistados que aceitaram a realização dela presencialmente. Todos os cuidados e protocolos foram aplicados, evitando qualquer possível transmissão e preservando a saúde e integridade dos entrevistados. Após as entrevistas foram transcritas para análise. Todos os selecionados quiseram participar da pesquisa. As questões feitas, usando a história oral propiciaram o diálogo sobre o passado e muitas lembranças foram trazidas nas falas. Ainda foram utilizadas entrevistas realizadas por historiadores locais a fim de complementar dados sobre o objeto de estudo.

O Quadro 2 descreve os entrevistados por local de moradia, local de nascimento, conhecimento da história da Linha Imperial e disponibilidade de participar da pesquisa.

Dos 10 entrevistados envolvidos na pesquisa, quatro eram mulheres e seis eram homens, dois com idades de 53 e 54 anos; dois com idade de 63 e 65 anos; um tinha 73 e cinco possuíam entre 81 e 88 anos. Todos naturais do Município de Nova Petrópolis, RS, sendo oito moradores de Nova Petrópolis, um morador de Vera Cruz e um de Porto Alegre.

Os entrevistados são, na sua totalidade, praticantes da religião católica. Conforme Paz (1998, p. 63), a Linha Imperial foi um dos primeiros territórios ocupados pelos imigrantes germânicos. Foi construída na Linha Imperial a primeira igreja de Nova Petrópolis em 1865, inicialmente coordenada por padres jesuítas de São José do Hortêncio. Em 1905, chegava no local o Padre Theodoro Amstad para administrá-la. Com o passar dos anos, a antiga igreja de madeira foi substituída por uma de pedras, e a Linha Imperial tornou-se, com a Matriz São Lourenço Mártir, um grande polo do catolicismo.

Quadro 2 – Entrevistados da pesquisa

CÓDIGO	DATA DA ENTREVISTA	IDADE	LOCAL QUE NASCEU	LOCAL ONDE MORA	RELIGIÃO	SEXO
E1	18/9/2020	63	NOVA PETRÓPOLIS	LINHA IMPERIAL-NP	CATÓLICA	FEM.
E2	22/9/2020	54	NOVA PETRÓPOLIS	LINHA IMPERIAL-NP	CATÓLICO	MASC.
E3	22/9/2020	55	LINHA IMPERIAL-NP	LINHA IMPERIAL-NP	CATÓLICA	FEM.
E4	27/10/2020	81	LINHA IMPERIAL-NP	LINHA IMPERIAL-NP	CATÓLICO	MASC.
E5	9/11/2020	65	LINHA IMPERIAL-NP	LINHA IMPERIAL-NP	CATÓLICO	MASC.
E6	12/11/2020	82	LINHA IMPERIAL-NP	LINHA IMPERIAL-NP	CATÓLICO	MASC.
E7	25/11/2020	82	LINHA IMPERIAL-NP	LINHA IMPERIAL-NP	CATÓLICA	FEM.
E8	6/12/2020	88	LINHA IMPERIAL-NP	VERA CRUZ	CATÓLICA	FEM.
E9	16/12/2020	73	LINHA IMPERIAL-NP	LINHA IMPERIAL-NP	CATÓLICO	MASC.
E10	5/1/2021	84	LINHA IMPERIAL-NP	PORTO ALEGRE	CATÓLICO	MASC.

Fonte: Elaboração pelo autor (2021).

5.5 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido está em anexo, no final do estudo. Refere-se à aceitação dos entrevistados de participar da pesquisa (Anexo).

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo analisa as narrativas dos entrevistados. A História Oral foi o suporte teórico utilizado para realizar as entrevistas. Segundo Von Simson (2010, p. 90), utiliza-se “a memória de informantes selecionados para reconstruir oralmente e registrar através, de áudio-gravação ou filmagem, aspectos do passado não contidos em outros suportes”.

As narrativas que nascem das entrevistas nortearam a análise proposta. Para tal, as narrativas foram usadas para identificar e descrever as percepções desses sujeitos sobre a história da comunidade, a partir de suas memórias. Os sujeitos entrevistados trouxeram muitas informações sobre a comunidade e como ela havia sido construída por seus antepassados. Para análise das narrativas, nasceram categorias que emergiram das próprias entrevistas, entre elas: o pertencimento histórico, a homogeneidade cultural, a sociabilidade como elemento de identificação e o patrimônio comunitário.

6.1 Pertencimento histórico

Nova Petrópolis está localizada num dos últimos contrafortes da Serra gaúcha, e sua composição geográfica comporta diversas montanhas e vales; suas paisagens são cobertas de vegetação, que remetem a regiões europeias, especificamente a Alemanha Central. Seus principais acessos são a rodovia federal BR 116 e a estadual RS 235, possibilitando uma ligação rápida e segura com importantes regiões do Estado do Rio Grande do Sul (DEPPE, 1988, p. 31).

Linha Imperial é uma das primeiras localidades colonizadas em 1858 por imigrantes germânicos. A localidade fica a 7 km do centro de Nova Petrópolis e 27 km de Gramado, estando junto da RS 235.

Segundo os entrevistados, a história da Linha Imperial é sua própria história. Lembram que seus antepassados vieram da região do Hunsrück e da Boêmia, de onde trouxeram uma experiência cultural forte, sustentada pela cultura germânica, onde a língua teve um papel fundamental de leitura de mundo, além de apresentar grande espírito comunitário e voluntário. A força da cultura dos imigrantes assegurou a manutenção de hábitos culturais que permaneceram ao longo dos anos e foram mantidos até o presente, colaborando na preservação da memória desse grupo.

Conforme Picollo (1989), a Colônia Provincial de Nova Petrópolis foi fundada em 1858 e começou a receber famílias de imigrantes germânicos de partes distintas da Alemanha, como a região do Hunsrück. Por volta de 1870, chegaram vários grupos originários da Boêmia, sendo muitos operários e especialistas de áreas industrializadas. O Hunsrück está situado na região franco-renana e é cercado pelos rios Mosel, Nahe, Rhein e Saar. A região é bastante acentuada (há muitos morros e rochas), fazendo crer que esse aspecto geográfico do Hunsrück tenha favorecido a instalação e a adequação dos imigrantes em Nova Petrópolis (ANSCHAU, s/d.).

Figura 156 – Mapa da Região do Hunsrück na Alemanha

Fonte: Hunsrückkarte, Hunsrück – Disponível em: www.hunsrueckreise.de. Acesso em: 25 jun. 2021.

Nos relatos dos entrevistados sobre seus antepassados, originários do Hunsrück, há uma justificativa sobre sua história no passado e como utilizaram seus conhecimentos culturais. Conforme relato de um depoente, seu antepassado “veio de Wiebelsheim na Alemanha, ele veio para construir moinhos e serrarias”. As entrevistas registram que vários moradores são de origem familiar Grings, que seria

proveniente daquela região e detalham hábitos sobre seus parentes, chegando às histórias de seus tataravôs:

> Ele veio de Wiebelsheim em 1862, com o propósito de construir aqui em Linha Imperial moinhos. Ele já era dono proprietário, ele e o irmão dele em Wiebelsheim na Alemanha, na região do Hunsrück e quando ele veio pra cá, a ideia é que ele viesse ensinar as pessoas a lidar com isso e depois retornaria para a Alemanha, mas isso não aconteceu, pois não teve verba o suficiente para retornar, então acabou ficando (E2).

> A gente tem muita ligação com a história da imigração, porque o Dom Pedro II pediu para a Europa colonizar o Sul do Brasil, daí vieram a primeira leva que veio para Nova Petrópolis, após estarem fixados eles disseram assim: quem é que vai construir um moinho, daí meus tetravós na Alemanha em Wiebelsheim, perto do Deutsches Eck, onde o rio Reno e o rio Mosel se encontram, fica a terra natal do meu bisavô e eles tinham moinho e daí essa turma foi lá e buscaram ele, meu bisavô Johann Grings, para construir o moinho e voltar para a Alemanha; eles não queriam que ele ficasse no Brasil e daí eles sempre escreviam para ele voltar para a Alemanha, mas ele sempre dizia que essa terra que eu tenho aqui no Brasil, eu nunca vou ter na Alemanha, mas diziam que a Alemanha era melhor, ele dizia que sabia que lá era melhor, mais bonita, mas o Brasil era melhor e que iria ficar no Brasil e o meu bisavô nunca voltou mais e morreu na Linha Imperial, sem visitar os pais dele. Ele veio para o Brasil com 22 anos de idade (E8).

Por sua vez, os boêmios são oriundos do Império Áustro-Húngaro, local com forte influência da língua alemã. Essas informações se relacionam com as falas de Alberto Hillebrand “[...] os Oppici foram os primeiros moradores da aldeia de Blottendorf, na Boêmia [...]. Os Hillebrand são de Dittersbach, Friedland [...]” e de Leonda Elvira Hillebrand “[...] meu pai é da Áustria, de Haida, na Boêmia” (DEPPE, 1988, p. 59). Seguindo na mesma linha, Werno B. Neumann:

> [...] Meus antepassados Neumann emigraram em 1876 e eram naturais de Dittersbasch, Friedland na Boêmia, Áustria. Vieram o avô Anton Neumann com 69 anos, seu filho José Neumann Senior e José Neumann Filho. Os antepassados Raimann e Hillebrand também são da mesma localidade da Boêmia (DEPPE, 1988, p. 65).

Figura 15 – Mapa do Império Áustro-Húngaro com destaque para à Boêmia

Fonte: https://alemaesdosul.com.br/historia/. Acesso em: 25 jun. 2021.

A vinda dos boêmios é lembrada por diversos entrevistados, relatando a origem de seus antepassados e algumas características dos locais de proveniência. Conforme lembram: “Os meus antepassados sendo boêmios me trouxeram um legado superinteressante”. Comenta que a região teve a colonização dos boêmios, após a vinda dos primeiros imigrantes para a Linha Imperial. Recordam falas de seus pais:

> À Boêmia que era um território, vou chamar assim, região em nome, à Boêmia era uma região pertencente ao Império Austro Húngaro, Austro principalmente, que eram de língua alemã e hoje é a República Tcheca. Mas então o povo era de etnia alemã, falava alemão (E4).
>
> O que eu sei é sobre a vinda dos imigrantes boêmios. Então na imigração houve aquele projeto da imigração, estimulado pela Dona Leopoldina no Governo Imperial no Brasil com o Império Austro-húngaro. [...] Fizeram aquele projeto que vieram duzentas e tantas famílias para essa região e a partir de Linha Imperial, essas famílias aumentaram a população. A contribuição dessas famílias, tanto que estamos fazendo um monumento em homenagem a elas, pois tiveram uma contribuição muito grande para o desenvolvimento da região. Os boêmios eram mais cultos, eram muitos profissionais que vieram, sendo um pouco diferente dos outros imigrantes que eram muito pobres, mas eles não eram pobres, vieram em busca de melhorar a vida, com bastante cultura e com um certo poder. [...] nós podemos ver nas fotos as vestimentas usadas (E9).

Estes entrevistados destacam a forte ligação existente com o continente europeu, além da estrutura organizacional dos descendentes boêmios na Linha Imperial. Tecem relações entre o local de origem e o local que construíram:

> A minha família Hillebrand veio da pequena comunidade de Wittelsbach, município de Frýdlant na República Tcheca. No ano passado fizemos uma

> excursão para lá, pois nós temos a Associação de Descendentes de Imigrantes da Boêmia. Atualmente, sou o presidente, então, nós fizemos uma viagem para as origens, então foi um grupo [...] com o interesse de pisar na terra da origem, isso foi muito interessante (E9).

Pesquisas realizadas em comunidades de origem europeia evidenciam como houve fortes influências vinculadas às sociedades de origem. Pollini ao analisar a presença de italianos e alemães no Sul do Brasil, identifica as principais características do fenômeno imigratório e chama a atenção:

> A estrutura sociocultural diversas das comunidades alemãs e italianas, em grande parte determinada pelas diferentes relações que estabeleciam com as respectivas nações de proveniência, comportou, indubitavelmente, consequências diferentes a propósito da propensão ou disponibilidade de pertencer à comunidade societária da qual tinham emigrado, dando lugar a níveis ou graus diversos de integração social na sociedade brasileira (POLLINI, 2005, p. 66).

O autor comenta que a colonização alemã, depois de quase meio século de chegada de seus imigrantes ao País, ainda apresenta indícios de não integração na sociedade nacional de chegada, “mantendo intactos costumes e tradições próprios e refutando a mescla com outras etnias, presentes no território brasileiro” (POLLINI, 2005, p. 67).

6.2 Homogeneidade cultural e identidade coletiva

A pesquisa apontou para uma certa homogeneidade cultural na comunidade. O que significa essa homogeneidade? A presença de valores comuns que ajudam a nortear o grupo e a garantir que alguns valores culturais sejam preservados. A comunidade valoriza uma série de hábitos que a constitui e dá sentido à sua organização.

> Eles viviam bastante isolados, então essa procura por alguma coisa que os unisse era justamente a igreja em primeiro lugar, depois a escola e a própria sociedade, então a ideia de ter uma continuidade de uma pequena Alemanha aqui, como eles tinham lá, era um dos primeiros desejos deles, mas isso não foi fácil, eles tinham que construir a habitação deles (E3).

Uma das maneiras encontradas de preservação da cultura dentro da comunidade foi através da língua. Conforme vários depoimentos a língua alemã foi um fator decisivo de integração, de união da comunidade e promoveu a

homogeneidade. Essa homogeneidade, no vínculo comunitário, é expressa por meio de hábitos culturais comuns.

Conforme relatos, hábitos antigos foram mantidos e preservados como valores culturais até os tempos atuais como o respeito à vizinhança, as visitas aos parentes, o culto religioso, as práticas educativas entre outros.

> [...] a comunidade da Linha Imperial [...] ela é assim até hoje, eu vejo bastante isso ainda, assim, as famílias se visitarem (E1).
> [...] a gente ia nos vizinhos, nos primos, porque aqui também era uma localidade, todos os filhos do meu avô, moravam aqui nessa redondeza e a gente visita os primos (E4).
> [...] domingo era dia de casa cheia de visitas, tinha que ter muita comida, assim mostra a aproximação e envolvimento entre moradores e familiares (E7).

Esses relatos demonstram quanto às pessoas estavam envolvidas entre si, caracterizando um conhecimento de hábitos antigos comuns frente à cultura do grupo, o que corrobora os estudos realizados por Manfroi (1975), que apresenta essa característica nos povos oriundos da Europa que migraram para o Sul do Brasil. Essas colônias estavam isoladas em locais de difícil acesso, passando por inúmeras dificuldades, tendo que se reinventar, pois chegaram em local desconhecido, com falsas promessas. O que tinham para se unir era agarrar-se nas pessoas mais próximas, de cuja língua, religião e cultura comungavam.

Manfroi (1975) ressalta que essas comunidades, constituídas por grupos que emigraram da Alemanha para a Região Sul do Brasil, possuíam na sua língua valores e culturas próprias. Eles chegaram e se deslocaram em grupos, criando comunidades diferentes, gerando uma homogeneidade, por meio da manutenção do seu idioma. Pode-se reconhecer em algumas comunidades a força da língua, como é o caso da Linha Imperial, onde alguns dos seus descendentes ainda falam o alemão ou então compreendem, mas não falam, possuindo essa forte ligação e apego com a língua de origem dos seus antepassados (GUBERT; POLLINI, 2005, p. 145-148).

Para os descendentes germânicos, as questões culturais eram importantes, e a forma de preservá-las foi por meio da educação, da religião e de algumas práticas culturais. Quando a emigração foi muito intensa no Sul do Brasil, a força homogênea cultural aparentava um risco ao governo, tendo “sua fase mais aguda na segunda guerra mundial, quando tentou-se banir as línguas estrangeiras e fechar as escolas teuto-brasileiras" (MANFROI, 1975, p. 247).

Conforme relatos dos entrevistados, seus familiares sofreram retaliações. Lembram que “não podia falar em alemão e daí vem o silêncio passando de pai para filho” (E5). Outro depoimento reforça esta condição:

> Uma outra parte muito triste foi a perseguição aos alemães na 2ª Guerra Mundial. Meu pai foi preso, ele ficou 10 dias na cadeia em São Sebastião do Caí, pois Nova Petrópolis pertencia ao Caí e ele sempre estava correndo risco de ser levado para a Ilha do Presídio. Então, a maioria iam para lá e até eram mortos [...] O meu pai foi preso em Nova Petrópolis. Tinha aqui um tal de Antônio Feix, ele era ferreiro [...] o pai admirava aquele homem e ele quase foi morto, pois não sabia falar nenhuma palavra em português. [...] O pai se revoltou e disse que isso era injusto e que não era certo e o pai já sabia falar em português e na olaria ele tinha dois ajudantes que falavam português. Meu pai esteve dez dias na cadeia e daí o Wolmeister e meu tio Andréas [...] foi junto com nós, eu era criança, eu tinha uns 8 para 9 anos e nós saímos às 3h da madrugada de carroça até Nova Petrópolis e lá o Ivo Spier era o motorista, o ônibus era todo de madeira com bancos inteiriços, uma coisa bem rústica, saímos às 4h de Nova Petrópolis e chegamos às 9h em São Sebastião do Caí. Tudo estrada de chão e imagina andando cinco horas de viagem. O tio nos levou na delegacia e falou que nós éramos os filhos mais velhos do Paulo Grings que está preso, eu e o meu irmão Albino e que tínhamos ido ver o pai. Eu nunca me esqueço, era o tio, eu e o meu irmão e de cada lado um policial. Então nos levaram até um salão grande enorme com um muro de uns 4 metros de altura ao redor, aí o pai disse "olha aqui, você chama o delegado que vou mostrar para vocês que eu não sou quinta coluna". Daí o pai ficou insistindo e batendo o pé até os policiais irem chamar o delegado [...] e daí quando o delegado chegou no salão onde estávamos com os policiais e o pai disse "olha seu delegado, hoje eu vou mostrar para vocês que não sou quinta coluna. Ele diz a poesia que tu disseste esses dias lá na Linha Imperial, lá no monumento do Padre Amstad" aí eu disse as duas poesias e sabe que o delegado deixou o pai ir embora na hora para casa, ele falou “Paulo tu está livre, tu pode ir com teus filhos e teu irmão passear pela cidade” (E 8).

A educação por meio da escola, a religião por meio da igreja, as atividades econômicas por meio do comércio favoreceram o desenvolvimento comunitário. Os moradores queriam que a comunidade se desenvolvesse e que trouxesse benefício a todos.

> Antigamente tinha muita coisa na Linha Imperial. Então, tinha essa escola de freiras, tinha um mini-hospital, né! Vinha o Dr. Nelz de Gramado, atendia as pessoas na Linha Imperial. Tinha o vinho, tinha a cerveja, tinha o salão de baile. Então é uma pena, eu sempre digo, às vezes eu brinco assim, vamos dizer a Sede do município deveria ter sido na Linha Imperial (E1).

O desenvolvimento comunitário foi fortalecido pelo trabalho realizado pelos moradores, na construção de espaços comuns como o da igreja, o da escola e ainda de algumas moradias. O trabalho era voluntário e todos colaboravam.

> [...] grande parte disto tudo foi feito pelos homens da comunidade (E1);
> [...] quando era para fazer algo para a comunidade, eles sempre estavam prestes a ajudar (E2);
> [...] fato de a comunidade ser envolvida em construir escolas e sociedade (E3);
> [...] hoje se paga tudo e havia gente que certas coisas não cobrava, veja só que povoação nós temos (E4);
> [...] o envolvimento comunitário, em nível de construções, era sempre no fator uma mão lava a outra, as duas lavam a cara, quem precisava de ajuda, pedia ajuda e isso era feito via colaboração espontânea, não era pago (E5);
> [...] o pessoal se ajudava e colaborava (E6);
> [...] todo mundo tinha um ponto muito forte de doar e ajudar o próximo para que as coisas crescessem e andassem (E7);
> [...] a praça foi construída por voluntários, é impressionante o que as pessoas, naquela força de vontade, naquele amor que eles tinham pela comunidade (E8).

Vários locais que se tornaram espaços de convivência, de união e de integração foram construídos pelos moradores. Nesse sentido, é importante salientar que acabaram sendo considerados lugares de memória comum pelos moradores, pelo valor que a própria comunidade dava a eles.

> [...] na construção da igreja, eu tinha de 8 a 10 anos e ajudava a carregar tijolos, também ia atrás da participação dos moradores. Todos participavam, onde tínhamos as festas e surgiu a festa do galeto que hoje são mais de cinquenta anos, então todo mundo ajudando e participando (E9).

O envolvimento comunitário era reforçado pela fé comunitária. A religiosidade que trouxeram da Europa e mantiveram aqui no Brasil era fervorosa. A fé, representada de forma consistente e presente no dia a dia, foi destacada por todos os entrevistados, quando afirmam que a força da fé e a manutenção dos hábitos religiosos fortaleceram a vida coletiva. A devoção sempre esteve presente na vida desse grupo, sendo um hábito aos domingos se deslocar até a igreja para participar do rito.

> [...] a missa, aquilo era sagrado nos domingos de manhã ir à missa. Desde criança eram encaminhados aos ensinamentos religiosos. A questão da religiosidade, né! Ir à missa, fazer a catequese, fazer a primeira comunhão, a crisma, então vinha o Bispo, então aquilo era assim algo que a gente não podia esquecer (E1).

Muitas lembranças trazidas se referem à construção da igreja pelo fato de nela, muitos moradores estarem envolvidos e por ser um marco comunitário. Lembram inclusive detalhes de acontecimentos que foram relatados por mais de um dos entrevistados sobre essa construção.

> A igreja foi muito importante. Além do pai perder a vida lá, isso foi muito difícil, a gente viu aquela igrejinha velha ser demolida e a nova construída, aquilo foi muito marcante, se perdeu uma vida ali. [...] domingo era sagrado ir para a igreja, todo mundo tinha que ir para a missa. [...] o pessoal que trabalhava na construção da igreja, serventes, construtor e tudo mais vinham almoçar lá em casa, sempre casa cheia, então sempre tinha que ter comida (E2).

> Na igreja tivemos muito envolvimento, muito trabalho, fazíamos muitos trabalhos de crochê, roupinhas de crianças e coisas de retalho, muita coisa para vender em benefício da igreja, nós fizemos muitas festas em benefício. A gente colaborou muito e podemos contar a história e quando voltamos para a Linha Imperial e poder dizer que ajudei a construir isso dali, é muito bonito. Eu me lembro muito da construção [...] eles sempre almoçavam lá em casa e naquele dia em que meu pai desastrou naquela cal, meu pai foi buscar a cal em Rio Pardo e nós voltamos e eles começaram a queimar, pois era cal cru, tinha que queimar e fizeram uma cova e choveu de manhã e na hora do meio-dia o meu pai não queria mais e ainda tinha quatro barricas e tio André que morava mais longe, disse “não, eu levo tempo pra vir para cá, são só quatro barricas e logo estamos prontos” e como choveu e tinha muito vento, meu pai disse que era muito perigoso e pela manhã quando vinha uma criança perto ele dizia para sair de perto que era perigoso e meu pai não queria nem por nada, as vezes parece que ele foi arrastado para a morte e só tinha umas tábuas para cobrir aquela cova e diz que o meu primo o Reinoldo Kuhn que é falecido e ele estava mexendo em uma caixa, botavam uma barrica de cal e água até que dava uma massa dentro da cova, daí o Reinoldo disse que não conseguia mais respirar e o pai foi lá e dizem que veio um vento e ele ficou sem ar, resvalou e caiu dentro da cova, isso foi muito triste, meu tio gritou pro pai se agarrar naquela armação que tinha para não quebrar a terra dentro, ele se segurou naquilo e como era uma pessoa forte, quebrou e ele caiu novamente na cal e daí puxaram ele pelo braço e disse que veio a pele tudo e ossos, tiraram ele, mas ele viveu só mais uma semana (E8).

Figura 17 – Primeiro caminhão de Nova Petrópolis, na imagem está carregando pedras para a construção da igreja

Fonte: Acervo de Célia Weber Heylmann.

Figura 18 – Construção sobreposta da nova e atual Igreja São Lourenço Mártir

Fonte: Acervo de Célia Weber Heylmann.

A religião foi um elemento que promoveu a homogeneização cultural. Compartilhavam da mesma fé, dos mesmos ritos, tinham devoções comuns, o que os unia e os caracterizava como grupo. Desde a formação da comunidade, a religião católica foi um elemento forte de integração social e de identidade.

> A construção dessa igreja é muito importante, porque ela primeiro 29 anos existiu aqui na propriedade do Johann Grings e depois ela desceu lá, a atual foi construída entorno daquela que já havia, velha também e hoje então existe entorno de 60 anos, existe a atual, é um marco muito grande (E3).

> Na igreja toda ela foi construída, pois é a terceira igreja na verdade, a primeira foi lá em cima, depois foi aqui e essa última versão foi construída por cima da outra, eu lembro ainda um casamento de um tio meu, foi o último casamento realizado, dentro da igreja velha. Mas já com a construção da outra por cima, mas por dentro ainda era a igreja velha. Mas de qualquer forma, toda vida foi espontânea (E5).

O domingo era um dos dias mais importantes para a comunidade, existia planejamento e organização por parte das famílias, visando o deslocamento até a missa. Nos finais de semana, se organizavam para participar dos ritos religiosos.

> Final de semana sábado de tarde era dia de se recolher e domingo era de ir à igreja na missa, isso não existia, não ir à missa, todos iam na missa e nos dias santos e feriados religiosos, isso era sagrado. Eu acho isso muito interessante o fato de ir para a missa, pois as crianças se vestiam com a roupa de domingo para ir para a missa, isso era uma festa, depois o caminhar para a igreja, isso era longe, tipo nós caminhávamos três quilômetros, isso era uma peregrinação na rua, isso era muito interessante às pessoas se encontravam na estrada, as famílias se encontravam na estrada e iam caminhando e conversando e esse fato das pessoas se encontrarem era muito interessante, não era tanto a missa, pois a missa em si era até em latim e as pessoas não entendiam nada, mas aquele folclore de caminhar e ir e na volta depois a rua cheia de pessoas (E9).

> O lugar mais frequentado era a igreja, pois havia um tempo em que 100% dos católicos iam para a igreja, sendo bem frequentado, tendo como a nomeação do pároco um evento e reunia a comunidade, então todos os domingos se encontravam e referente à igreja foi um grupo pioneiro que trabalhava de graça e atuavam fazendo o melhor (E10).

As questões culturais que norteiam e sustentam a comunidade da Linha Imperial refletem como a religião, a educação, a língua, alguns hábitos culturais favoreceram a homogeneização cultural, unindo-os e integrando-os à nova terra.

6.3 Sociabilidade como elemento de identificação

O estudo traz à tona a força da identidade cultural que caracteriza a comunidade da Linha Imperial. As questões culturais, históricas e cotidianas demonstram o envolvimento da população na vida comunitária.

A comunidade se integra pela religião, pela cultura de origem, e por diversas atividades culturais e esportivas. A sociabilidade, por sua vez, vem referenciar essa comunidade e seu envolvimento identitário. É uma construção social, e demonstra laços de preservação, que se pode interpretar como a participação e o lazer da sociedade, após o trabalho.

A Linha Imperial possui características rurais; apresenta fortes laços sociais, por meio dos trabalhos cooperativos, mutirões, das festas religiosas, resultantes da união das pessoas. A sociabilidade se apresenta como o agrupamento de famílias e lideranças, vinculadas pelo sentimento de pertencimento com a localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo.

O caso da Linha Imperial se enquadra diretamente nas questões de sociabilidade, estando presente o envolvimento, a organização e o voluntariado comunitário. Este estudo é uma análise da relação afetiva do grupo, levando em consideração a dimensão de apreço como meio de interação social, conforme apontam estes autores:

> [...] história das associações voluntárias, nas quais há uma sociabilidade formal e organizada dos clubes (de jogos à política), e a história da sociabilidade informal dos costumes, que inclui hábitos, vida privada, família e folclore) (AGULHON, 2009, p. 173; RAMOS, 2000, p. 7).

Ao abordar a sociabilidade, é importante destacar que existem grupos mais e menos sociáveis. E nesse contexto, abordou-se a sociabilidade em uma linha

histórica, para compreender o envolvimento e a participação coletiva dos moradores, nas ações cotidianas e de tempo livre. “Trata-se essencialmente de uma sociologia das associações no sentido mais amplo do termo: do clube de bocha ao partido político e aos grupos religiosos, do círculo artístico à seita literária” (AGULHON, 1977, p. 13). Essa é uma leitura microssociológica, que aponta a relação entre o indivíduo e o outro, em um grupo.

Para Agulhon (1977), a sociabilidade não possui objetivos ou pautas definidas depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre. A sociabilidade possui sua relevância na interação social e nas recordações vividas, destacando as qualidades dos seres envolvidos, como interação, cordialidade, e outros meios de troca são considerados. A sociabilidade é a interação mais verdadeira do social.

Dentro da comunidade de Linha Imperial, identificou-se a presença da sociabilidade, tanto nas organizações formais quanto nas informais, que vão estabelecendo vínculos e relações em prol de algum objetivo. Conforme Agulhon (1977), as pessoas se associam não somente para fazer alguma coisa: muitas vezes o fazem, em primeiro lugar, para gozar da vida em grupo e, em seguida, para realizar alguma atividade.

Dentro dessas definições, podemos ainda acrescentar que a sociabilidade retrata a qualidade do ser sociável e a maneira de viver em sociedade, em um determinado espaço. O homem cria vínculos, relações na busca de convívio humano agradável, através da presença do outro, a reciprocidade, em resumo a sociabilidade é a qualidade do ser sociável, resultando no conviver do indivíduo com os demais, em um espaço e tempo definidos e a satisfação resultante deste processo, visando o bem-estar com outro para usufruir da vida em grupo.

Seguindo o pensamento de Ramos (2019), a sociabilidade está ligada ao uso do tempo livre e, no caso dos germânicos, também na criação de espaços voltados para o canto, a música, o esporte e convívio, tendo como exemplo as sociedades. Possuíam uma cultura própria e marcante, com a qual reforçavam o convívio social nas igrejas e nos clubes. A sociabilidade para eles era um pouco da própria vida interligada a dos demais moradores da localidade.

A vida da comunidade estava voltada para o trabalho e desenvolvimento, mas destinavam um tempo ao convívio social. Assim que foram vencidas as primeiras dificuldades, esses imigrantes começaram a buscar meios sociáveis de

convívio. Assim, surgiram as sociedades para o lazer, com um grande foco no tiro esportivo, originário da Europa, através das sociedades de atiradores, que capacitavam os homens para o uso de armas de fogo, os quais possuíam grande prestígio, por serem considerados protetores de suas comunidades. Os imigrantes que aqui chegaram mantiveram essa tradição.

Segundo Hillebrand (2016), famílias de origem germânica tinham o costume de se vincular a uma sociedade, como sócios. A relação com a sociedade à qual pertencem envolve, até hoje: participação do coral em atos fúnebres, almoço anual, disputa de tiro-rei e bolão-mestre, participação em grupos de dança, corais, treino de bolão e times de futebol, descontos nos ingressos dos bailes e todas as demais atividades da comunidade.

Atualmente, se encontra presente na Sociedade Concórdia, na Linha Imperial, o tiro e outras atividades que são impulsionadas em festividades sociais. Nesses eventos, ocorrem competições que culminam em vencedores que formam Cortes com rei, rainha, príncipe e princesa, finalizando as atividades com um grande baile social para a comunidade, chamado Baile do Rei, tendo início com uma música tradicional, a *Polonaise*. Trata-se de uma caminhada de pares no salão, que seguem os passos de um casal- guia, embalados pela música de uma banda típica. Além do tiro, existem outras modalidades, como o bolão e jogos de cartas (PAZ, 2006, p. 323).

Além das atividades esportivas e competitivas, está muito presente na sociedade a música que carrega um dos valores culturais mais significativos da herança germânica. A música teve um papel fundamental na sociabilidade dos imigrantes, que estavam isolados em um novo continente e, através do canto e da música, mantiveram a união e a identidade cultural:

> Ao se reunir, acertavam as vozes e enchiam o ar com as belas canções trazidas de suas aldeias de origem. Procuravam também o convívio com grupos de cantores de outras localidades. Era uma forma de mostrar sua arte, aprender com os outros e confraternizar (PAZ, 2006, p. 325).

O canto tem um papel importante na cultura germânica, estando presente nas festas e no cotidiano das famílias. Esse fenômeno é descrito por boa parte das publicações da história da imigração. Como exemplo, cita-se a descrição de Müller:

> É sabido que os alemães são muito dados ao canto, como, de resto, à música em geral. Por isso não é de se estranhar que na colônia alemã, no passado, muito se cantasse. Aos domingos à tarde, quando grupos de

> amigos se encontravam, sentados à sombra de bela árvore, em frente da casa, sempre havia quem começasse um canto. Depois outro e mais, e mais outro [...] (MÜLLER, 1984, p. 43).

A rotina de lazer e cultura da comunidade é baseada na união e no espírito cooperativo, além do sentimento de pertencimento e convívio em diversas atividades, tendo como grande referência a sociedade/o clube local,[5] ponto de encontro das atividades esportivas e culturais, conforme apontam:

> [...] culturalmente falando na Sociedade Concórdia temos o coral [...] hoje tudo meio parado com o Coronavírus (E2);
>
> [...] a construção sociedade é um marco importante, pois lá socialmente as pessoas se encontram [...] como sociedade de canto ela foi frequentada, não só para o coral, mas foi construída [...] também para jogar cartas, até hoje, pra jogar bolão, também para festas, então o tiro também existe ali junto (E3);
>
> [...] cancha de bolão e tiro ao alvo [...] o coro da sociedade, tinha, por exemplo, como tradição, direito a duas jantas por ano (E5);
>
> [...] sociedade foi construída a primeira Sede pelo meu pai que era Presidente, depois conselheiro, cantor, colaborava sempre junto na diretoria o pessoal se ajudava e colaborava (E6);
>
> [...] Na comunidade, era a igreja e depois a sociedade, isso eram os dois pontos de encontros das pessoas [...]; existia a sociedade antiga, onde eu também participei nesses primeiros momentos de construir a sociedade nova e eu era o secretário (E9);
>
> [...] a sociedade era muito importante [...] tinham os bailes do rei, para ver os campeões do bolão e do tiro, isso era muito importante o social, não só a parte religiosa, mas eles podiam se reunir e trocavam ideia, era uma vida bem alegre. Eu participei muito na construção da sociedade, junto com a minha mãe, nós chegamos a fazer um balaio de vime com duas alças, a mãe de um lado e eu do outro lado cheio de cucas e a gente fazia promoções e vendia para arrecadar dinheiro para a sociedade (E8).

Os relatos evidenciam a vida comunitária que os entrevistados relembram e mostra o espírito associativo que existia no passado e que se manteve como característica do lugar. “[...] a sociedade reforçava esse espírito comunitário, então para a diversão eles tinham para onde ir, como no salão de bailes e festas, tinha os famosos Kerbs” (E10).

A participação e demonstração de pertencimento nas ações vinculadas à sociedade demonstram a vontade de manter sua cultura presente e mostram uma identidade comunitária, bem como buscam a preservação, através da construção

---

[5] A Sociedade que é relatada pelos entrevistados se refere à Sociedade Concórdia, que, por muitas décadas, foi ponto de encontro dos moradores; foi fundada em 11/11/1924.

coletiva, com atividades que se tornaram cotidianas, passando por diversas gerações. Ou seja, ir até a sociedade praticar algum esporte com cunho esportivo/cultural ou atividade artística, como o coral e a dança. Este fato se tornou algo normal na vida das pessoas.

Outro ponto forte é o Grupo Böhmerlandtanzgruppe – Grupo de Danças Folclóricas Böhmerland (terra da Boêmia) da comunidade, que realiza seus ensaios na Sociedade Concórdia. Há diversas categorias, o grupo se divide por faixas etárias, tendo desde adultos até pequenas crianças, que buscam preservar sua cultura e identidade, por meio da integração e sociabilidade. O nome do grupo é uma homenagem aos imigrantes que povoaram a comunidade, e sua fundação ocorreu em 1986.

Segundo Paz (2006, p. 331), os grupos folclóricos tiveram sua organização na década de 80, do século XX, em Nova Petrópolis, visando uma reintrodução cultural. Na oportunidade, foi realizado um estudo, visando a identificação dos elementos culturais para cada grupo. Após a pesquisa, foi possível recriar trajes típicos, danças, músicas e demais elementos que compõem os grupos.

Para a comunidade, o grupo expressa e representa sua história e cultura, conforme:

> [...] o grupo de danças o Böhmerlandtanzgruppe, é tudo de bom, eu acho eles maravilhosos, estão sempre juntos, sempre reunidos. E assim tem essas meninas que estão pegando os pequeninhos para pelo menos ter uma continuidade. Então em questão cultural, primeiro o grupo de danças fantástico [...] a Linha Imperial está com dois corais [...] que vão em velórios (E1);
>
> [...] o grupo de danças que é o maior grupo folclórico alemão de Nova Petrópolis o Bömerlandtanzgruppe (E2);
>
> [...] Grupo de Danças Böhmerland [...], eles culturalmente são uma referência, [...] este grupo, eu vejo hoje como sendo o que leva a cultura, mas também traz outras culturas para nós, então eles são os que nos abrem horizontes [...] são eles os portadores para nós da cultura e identidade (E3);
>
> [...] cultura de teatros, se fazia muitos teatros e o coral e a própria associação esportiva sempre tinha música: a banda, o coral e o teatro. [...] o Böhmerlandtanzgruppe o Grupo de Danças da Boêmia, aí começou a reavivar o que havia em uma certa época atrás, então hoje o foco cultural está no grupo de dança (E4);
>
> [...] o grupo de danças começou a organizar algumas coisas e a partir daí se começou a conhecer de novo um pedaço da história [...] a parte de canto coral, toda vida fez parte da comunidade, desde que existe isso aqui (E5);

Muitas atividades sociais são realizadas pela Comunidade da Linha Imperial, que tem origem em hábitos de cultura germânica. A participação da comunidade em eventos culturais, como organizadora e responsável pelos mesmos, tem uma história que os entrevistados evidenciam como parte da cultura. As festas comunitárias têm uma força de integrar a comunidade e uni-la em torno dos seus resultados. Vários eventos foram citados como parte da cultura local; dentre eles a Festa do Galeto e os *Kerbs.* As festividades sempre foram um meio de sociabilidade entre as pessoas. A comunidade valoriza suas festas.

> [...] festas são momentos mágicos, alegres, divertidos: mas atrás desse visual está uma comunidade ou um grupo que festeja para lembrar, para marcar, para garantir simbolicamente o vínculo com a pátria de origem. É preciso construir símbolos quando se quer marcar algo na alma das pessoas. E o imperador alemão era um desses símbolos (RAMOS, 2016, p. 141).

As festividades culturais, exercidas no cotidiano da Linha Imperial, consolidam e referenciam um grupo e sua comunidade. Assim, quando abordamos as festividades inseridas no local, surgem elementos da comunidade, simbolizadas na gastronomia, música, dança, nas celebrações e nas demais manifestações culturais. É importante destacar que as festas comunitárias e culturais são traços de um conjunto etnográfico da história e da cultura comunitária.

Na comunidade existem alguns eventos promovidos pelos moradores, tendo destaque os *Kerbs*, pelo envolvimento familiar. Outra festividade organizada pela Sociedade Concórdia é a tradicional Festa do Galeto. Existe outro evento popular que é a Festa do Leitão, mas não aparece de forma efetiva nas falas dos entrevistados. É um evento mais comercial e sem uma “costura” cultural e social; sendo assim, não está presente na memória dos participantes; a Festa do Galeto, entretanto, ganha destaque, sendo um evento comunitário, tendo sido uma iniciativa do padre da paróquia.

Levando em consideração como a comunidade organiza suas festas, é importante salientar que “toda comemoração é uma construção social [...] só se transforma em uma comemoração, quando as sociedades [...] constroem ativamente seus sentidos e modalidades” (GUTMAN, 2012, p. 38).

A importância e representatividade do evento são relatadas por outros entrevistados que participavam do planejamento, da organização e execução da Festa do Galeto:

> [...] todo mundo comentava, assim terminava uma festa do galeto, as pessoas já se preocupavam com o próximo ano, para melhorar cada vez mais a festa (E1);
>
> Nunca me esqueço da Festa do Galeto, temos muitas coisas boas na Linha Imperial (E8);
>
> [...] as festas do galeto, já são mais de cinquenta realizações, elas eram realizadas em um pavilhão que tinha, e encostado na igreja para o lado de baixo, daí os caminhoneiros da vila, eles pegavam as lonas de carga e [...] no lado direito da cerca para baixo, ali tinha postes e estrutura básica feita por anos, onde só se passava alguns sarrafos por cima e a lona, deixa tudo coberto, então por um bom tempo as festas de galeto foram feitas ali [...] quando chegava no sábado de tarde, era todo mundo depenando frango […] na mesma época tinha as cucas, era tudo feito lá, tudo encostado da igreja, tinha aquele pavilhão, tinha cozinha e diversos fornos, e a mulherada fazia tudo por ali, então era um envolvimento de comunidade espetacular (E5);
>
> A festa do galeto marcou muito, pois a gente fazia todos os bolos, as cucas, tinha dois fornos grandes que depois foram demolidos, mas então a gente fazia cuca, fazia com um saco e meio de farinha cuca e isso foi tudo vendido e isso é muito marcante, sabe e nós fazíamos 45 tortas para vender e era feito tudo lá, a coisa era de pegar mesmo, as tortas e bolos era feito antes e as cucas no sábado, mas então sexta a noite inteira a gente trabalhava e fazia a massa e o outro pessoal coloca nos fornos, esquentava os fornos, e olha aquilo é bem marcante, essas coisas são bem fortes (E7).

Os momentos de encontro comunitário estavam associados às principais festas tradicionais, geralmente ligadas à religião. Elas congregavam grande parte dos colonos que passavam a maior parte do ano tendo muito pouco contato com a comunidade. O Natal, a Páscoa, o primeiro de janeiro e o *Kerb* são momentos festivos tradicionais. Mas, após a criação das sociedades recreativas, surgiram outros eventos locais que movimentavam e uniam a comunidade em prol do desenvolvimento local e da união coletiva.

O *Kerb* representa uma festividade comunitária e religiosa, tendo um foco na fé, na união e no reforço para manter os laços afetivos nas famílias:

> [...] era interessante o *Kerb*, pois os *Kerbs* católicos eram festas do padroeiro e tinham três momentos, num eles iam para a igreja na celebração do *Kerb*, segundo aspecto era o familiar, reuniam as famílias, os parentes que vinham para o *Kerb*, então lá se comia, então era um *Kerb* para comer, então começava sábado de noite e ia no final de semana, vinha pessoas de longe para o baile e também para a missa (E10).

O *Kerb* era a festa mais esperada e típica na colônia, podendo durar até três dias. A festividade estava voltada para familiares e amigos que se visitavam, havia muita música, dança e comida. As sociedades eram decoradas, as roupas novas

eram preparadas para essa festa, e a alegria tomava conta da comunidade (HILLEBRAND, 2016, p. 31). Para Roche (1969, p. 642) essa foi a festa que menos teve modificações desde o começo da imigração. Ainda hoje acontecem encontros de família e amigos na data dos *Kerbs*, em muitas cidades do interior. Atualmente, essas festas duram apenas um fim de semana, mas incluem missa ou culto, baile na respectiva sociedade e visitas para o almoço de domingo.

Relatos, memórias e experiências acabam reforçando a importância e relevância do *Kerb* nas festividades comunitárias:

> [...] o *Kerb* de criança, assim, era a festa esperada o ano todo [...] essas coisas todas nos mobilizaram, mobilizaram toda família e a gente esperava tanto [...], nós tínhamos uns cinco *Kerb* que a gente ia e quando a gente recebia, era uma festa, umas 40 a 50 pessoas em um *Kerb* (E3);
>
> [...] nem o centro de Nova Petrópolis conseguia bater o *Kerb* da Linha Imperial. Era um baile chique, meus primeiros bailes, tinha que ir de gravata, eram todos de fatiota, não era de qualquer forma e muito respeito dentro do salão (E9);
>
> O *Kerb* é umas das coisas que fortaleceu bastante e hoje não tem mais tanto, era preparado o mês inteiro essa grande festa comunitária e familiar (E10).

Nesse sentido, as manifestações culturais são a representatividade social, sendo uma forma, que um grupo de pessoas encontra, para expor seu interior e expressar o que pensa, por meios sociais. Toda essa cultura é relevante para a comunidade, mas também é de interesse turístico conhecer, valorizar e utilizar-se dessas práticas culturais como atrativo. Para Moesch citando Mafessoli,

> [...] pode-se dizer que o fato culinário, o jogo das aparências, os pequenos momentos festivos, as deambulações diárias, os lazeres não podem ser considerados elementos sem importância ou frívolos da vida social. Expressão das emoções coletivas, eles constituem uma verdadeira “centralidade subterrânea”, um irreprimível querer viver, que convém analisar (2002, p. 45).

Nesse entendimento, cada comunidade busca viver e se comunicar entre povos. Trata-se de uma comunicação simbólica, na perspectiva de Moesch (2002, p. 45). Está presente na música, no consumo, no turismo, no esporte, nas diversas práticas que estruturam a realidade social. Dentre tais modalidades particulares estão os costumes que são festejados, celebrados e registrados.

Todos esses relatos demonstram a sociabilidade na Linha Imperial em seus fatos, por meio de uma construção religiosa, cultural, social e comunitária deste povo

e reforçam as interpretações deste estudo. Está sendo abordada uma comunidade homogênea, com valores culturais e com sentimento identitário baseado na sociabilidade. O sentimento de pertencimento e de identificação é construído no dia a dia social, é um ato de reconhecimento perante a comunidade, para a construção da sua representação como um todo.

A comunidade de Linha Imperial, em Nova Petrópolis, RS, pode ser apreciada a partir da premissa da sociabilidade, para a construção identitária, construída por fatores históricos, culturais e na interação de um grupo. Por tanto, o meio de construção da identidade, naquela localidade, constitui-se a partir da afirmação de pertencimento social, envolvido por conquistas, pelo desenvolvimento, pela preservação e afirmação coletiva.

6.4 O patrimônio comunitário

Linha Imperial também é conhecida como berço do cooperativismo de crédito da América Latina. Possui na comunidade ações e atividades cotidianas que mostram a presença associativa e o trabalho comunitário no desenvolvimento local. A Caixa Rural, localizada na comunidade, realiza muitas ações que norteiam os moradores, conforme descrevem os entrevistados, demonstrando a relevâncias de alguns fatos, como o crescimento econômico e social. Conforme aponta um dos entrevistados, trazendo o quanto foi significativo o cooperativismo para eles, “o que colocou a Linha Imperial no mapa, sem dúvida nenhuma, foi a criação, então, do Padre Amstad, da Caixa Rural em 1902, [...] sem dúvidas esse é o fato que marca a Linha Imperial” [E2]. Reforça dizendo que “o mais importante é a questão do cooperativismo, a fundação da cooperativa”.

> [...] meu maior orgulho é a questão do cooperativismo, então a Linha Imperial [...] onde surgiu a primeira cooperativa da América Latina em 1902 [...] a questão do cooperativismo em Nova Petrópolis trouxe desenvolvimento, progresso, tudo e até a própria preservação da cultura tiveram uma questão do [...] Padre Amstad e essa história do cooperativismo e esse trabalho em união, esse trabalho em conjunto, antigamente se trabalhava muito essa questão de mutirões (E1);
>
> [...] a Casa Cooperativa hoje que é a primeira Sede oficial da Caixa Rural, inaugurada em 1952 (E4);
>
> [...] criação da Caixa Rural foi excepcional, foi o mais interessante (E6);

> [...] na caixa rural eu era a oradora quando foi posto a pedra fundamental, lembro que eu estava de guarda-pó branco e um tope azul, pois era o uniforme do grupo e eu era a oradora [...] para a construção a gente tinha que levar os tijolos lá e muitas vezes eu não tinha mais pele nos dedos de tanto carregar tijolos com a mão (E7);
>
> [...] surgiu o cooperativismo, então, a Linha Imperial foi sempre famosa (E9).

Os entrevistados chamam a atenção, com emoção, da relação, importância e do vínculo que os moradores desenvolveram com a cooperativa, que foi fundada em Linha Imperial, conforme relembram:

> Muitos anos atrás, quando a cooperativa saiu da Linha Imperial e foi para Sede do município, eu sei que as pessoas de mais idade ficaram muito, dá para dizer assim, revoltados [...] quando voltou para cá (Linha Imperial), que era aquela festividade toda, que aquela praça e aquela rua encheu de gente. Eu vi no olhar das pessoas de mais idade o quanto estavam felizes e gratas pela cooperativa ter voltado de novo [...] eu me lembro foi uma senhora, uma amiga da minha falecida mãe, ela estava com nós e olhou para nós, correndo lágrimas e disse em alemão [...], “veio de volta de novo o que nós construímos e batalhamos” (E1);
>
> [...] conhecida como a casa maior de Linha Imperial e o governo quando foi o regime militar, determinou que as cooperativas só poderiam ter uma sede local, então tiveram que optar entre a Linha Imperial e Nova Petrópolis, pois lá tinha a filial e aí então lá tinha muito mais movimento e lá era a cidade como sede do município e teria que ser lá para ter futuro e então passou para lá e o prédio ficou aqui ao léu (E10);
>
> [...] Caixa Rural, graças a Deus está sendo preservado de novo, não voltou a comunidade como era, mas voltou para dentro da comunidade de qualquer forma (E6).

A história, a cultura e o espírito associativo transformaram a comunidade em um território desenvolvido, repleto de recordações e, através do seu patrimônio, transformaram o centro da Linha Imperial em um espaço de memória. Por meio da homogeneidade, identidade e dos bens históricos locais, pode-se, por meio do turismo, unir esses elementos e promover a preservação histórica e cultural da comunidade e de seu povo.

O rico patrimônio é relevante para os moradores e, nas histórias relatadas e que existem em cada um deles, surge um sentimento de pertencimento e envolvimento comunitário. Muitas das obras existentes, juntamente com o conjunto arquitetônico e histórico, através do turismo podem proporcionar a preservação da memória e do patrimônio local.

O destaque central é a Praça Padre Amstad, que foi construída por muitas mãos e baseada nos princípios associativos; todos ajudaram na construção e

viabilidade do local, tendo assim construído uma identidade, o pertencimento e a memória afetiva com o espaço, conforme apontam os entrevistados:

> A praça eu me lembro que meu avô contava isso, sentado horas conversando, sempre foi em mutirão, então após a lida diária a comunidade se reunia com as carretas de boi e tudo, para aterrar o local onde foi demarcada então a praça, então tudo isso foi feito após o período do dia, se reuniam com lampiões com tudo e trabalhavam até altas horas da noite para a construção da praça (E1);
>
> Em plena segunda guerra mundial, se construir essa praça, veio esse monumento para cá, então essa construção, ela não foi só da Linha Imperial, vieram carretas de Nove Colônias e Linha Brasil (E3);
>
> A Praça é uma coisa bem relativamente nova, falando de imigrantes né, que essa praça foi feita em 1941, então essa praça bonita muito ligada à escola, todos os eventos que havia na Linha Imperial, tudo acontecia na praça, evento da república e independência, a gente marchava lá na praça (E4);
>
> Ajudamos na construção da praça, eu me lembro quando foi feita a praça, eles trabalhavam tudo de noite, com carretas e coisas, puxavam e faziam o aterro da praça, eu me lembro, era piá, puxavam terra de noite e era tudo gratuito, né! A turma se reunia e fazia esses serviços assim, tanto na praça, depois na igreja a mesma coisa (E6);
>
> A praça era muito bonita a Clara que é filha do Rudolf Neumann, ela me contou que o pai dela e o Otto Neumann, que eles ficaram desenhando a praça e que era muito bonita. Sei que meu pai dizia que eles faziam mutirões e que aquele lugar era um brejo de água e isso foi preenchido com terras e com carroças de boi em noite de luar, então cavoucaram o barranco que na subida e ali era muito barranco, então lá eles tiraram a terra para a praça (E7);
>
> Essa praça foi construída por voluntários, é impressionante o que as pessoas, naquela força de vontade, naquele amor que eles tinham pela comunidade. Eu me recordo da construção, pois o pai sempre trabalhava de noite e quando que eles começaram a plantar e enfeitar os canteiros era feito de dia (E8);
>
> Na praça, o pessoal se juntavam e iam trabalhar de noite com lanternas, pois aquilo era um banhado e fizeram a Praça Amstad e quando veio a guerra o governo desconheceu a origem e mudou o nome para Praça Brasil e depois quando voltou a democracia eles conseguiram devolver o nome e deixaram a comunidade dar o nome de Amstad (E10).

Todos esses depoimentos reforçam o quanto a comunidade era engajada em causas comunitárias, sendo a praça o resultado de ação coletiva, reforçado pela crônica escrita no jornal *A Ponte,* de Nova Petrópolis, em 1984 em idioma alemão e traduzida por Hillebrand (2019), quando relata o envolvimento de vários moradores na construção da Praça:

> Como permanecia a certeza que este grande “Katholikenversammlung”, Congresso Católico, só com grandes sacrifícios poderia ser realizado e levado a efeito, aqui, em Nova Petrópolis, Linha Imperial e no Município de Cahy, evidentemente tivemos de começar com o embelezamento do local da

> igreja. Como vigário atuava há cinco anos o Exmo. Padre Alfons Johannes Theobald (Padre secular). O plano de transformar este banhado numa praça teve, naquele tempo, o morador mais próximo, Hugo Theodoro Neumann, um fotógrafo. Quando nele despertou este plano, conversou ele com seu irmão, também residente defronte à Igreja católica. Rudolf Francisco Neumann, um produtor de vinhos, e seu irmão, Otto José Neumann, gerente da Caixa Rural a qual foi fundada no ano de 1902 e em 1940 levou o nome de Caixa Rural de Nova Petrópolis. Decidido rapidamente, sem, no entanto, pensar qual gigantesco trabalho a execução da praça significaria, a decisão foi tomada: "construir uma praça". E isto se faz de noite, nos dizíamos entre nós naquela hora! Hugo Neumann fez um esboço e em 27 de agosto de 1940, de noite, deu-se o início, e exatamente com as seguintes pessoas: Hugo Neumann, Rudolf Neumann, Otto Neumann, Carlos Kehl, Wilibaldo Neumann, professor João Erwino Wollmeister, Alfredo Kehl, cervejeiro Antônio Grings e João Kehl. Portanto, só com nove pessoas foi iniciado na primeira noite. Na segunda noite (28 de agosto de 1940) já eram 12 pessoas que livremente e sem obrigação se apresentaram ao trabalho. Na terceira noite já eram 19 pessoas que com pá, picareta e carrinho de mão trabalhavam, mas só de noite, sempre até 11 ou 12 horas, portanto muitas vezes até meia noite. Para que se pudesse enxergar, instalou-se uma pequena linha de luz até o morro onde a estrada tem uma curva, e fixado 10 lâmpadas as quais davam fraca luz necessária para a iluminação. Nunca Nova Petrópolis viu um ânimo e alegria de trabalho como naquelas noites. Cada vez mais de mais longe apareceram trabalhadores que, sem qualquer convite da comissão, apareciam para participarem no trabalho. De mais de uma hora a cavalo vinham as boas pessoas, e não só uma noite. Em todo foram trazidas mais de 1250 carroças de terra e mais de 800 carrinhos de mão com terra para preencher esta área. A parte baixa foi elevada cerca de 80 a 90 centímetros e no centro do monumento cerca de 50 centímetros (A PONTE, 1984).

Junto da Praça existem monumentos importantes que marcam a identidade local; Está em destaque o monumento em homenagem aos feitos realizados por Amstad, na Cooperativa Caixa de Economia e Empréstimos Amstad, a primeira fundada no Brasil. No ano de 1964, era composta por uma rede de 66 cooperativas, filiadas à central das Caixas Rurais em Nova Petrópolis. Reconhecida em 1942, com a instalação de um monumento, que enaltece o nome de seu fundador. Em alusão ao padre que organizou e coordenou, entre os anos de 1902 e 1940, a fundação de 38 Cooperativas de Créditos (COOPERATIVA DE CRÉDITO, s/d.).

O monumento contou com a participação financeira de 32 Caixas Rurais, tendo um custo de 45.000$ (quarenta e cinco contos de réis). Foi construído pela Casa Aloys (HILLEBRAND, 2019, p. 3).

Figura 19 – Monumento ao Padre Theodor Amstad, inaugurado em 1942

Fonte: Disponível em: https://www.novapetropolisturismo.com.br/. Acesso em: 20 jul. 2021.

Também se encontra na praça o Monumento à Irmandade, do escultor Cristovão Hullen, feito em arenito. Tem 1,95 m de altura e pesa quase duas toneladas. Ele está em um pedestal de 1,60 m de largura por 3,5 m de altura. As mãos estendidas representam a amizade, a cooperação, a ajuda mútua, o agradecimento e a fé. Além de representar a irmandade com os municípios de Jablonec nad Nisou, na República Tcheca e Sunchales, na Argentina, esta que é a Capital do Cooperativismo naquele país (CASA COOPERATIVA, 2018).

Figura 20 – Monumento à Irmandade

Fonte: Disponível em: https://www.facebook.com/padreamstad. Acesso em: 20 jul. 2021.

Encontra-se, no entorno da praça, a Igreja São Lourenço Mártir, onde Amstad foi o primeiro pároco; no seu interior, há o monumento original em bronze do precursor do cooperativismo. Os restos mortais de Amstad ficam defronte à igreja

em seu mausoléu, inaugurado em 1988, no cinquentenário de seu falecimento, quando seus restos mortais foram levados para o local.

Depoimento de Paulo Grings Filho relata que seu pai, Paulo Grings, foi o primeiro a ter um caminhão naquela localidade, que era utilizado para realizar fretes, e também uma olaria da família, onde eram produzidos em torno de 120 a 130 mil tijolos por ano. Muitos foram fornecidos, para a construção da igreja (DEPPE, 1988, p. 308).

A Pedra-Monumento, situada no canteiro central, entre as ruas Antônio Schoeler e José Otto Neumann, faz referência a uma ~~frase~~ declaração de Amstad:

> A reflexão tem de ser complementada pela ação. Um sem o outro nada resolve. E quando se trata de resolver um problema muito sério, não basta que se lute isoladamente. Não basta que um indivíduo ponha mãos à obra. Será a tarefa de muitos em regime de cooperação. Assim, se quiserem mover uma grande pedra e estiverem presentes vinte homens, e cada um isoladamente tentar removê-la, nada conseguirá. Se, porém, os vinte homens agarrarem em conjunto, obedecendo a um comando, fizerem força ao mesmo tempo, levantarão com facilidade a pesada carga (AMSTAD, 2011, p. 74).

Corroborando este raciocínio, um dos entrevistados comenta sobre as condições nas quais ocorreu a instalação da Pedra-Monumento:

> Uma curiosidade, temos na Linha Imperial uma pedra grande deitada, então muita gente já perguntou “mas como é que essa pedra foi para ali? Tem haver sobre o cooperativismo?’’, Tem de certa forma, mas como ela apareceu lá, isso muita gente não sabe, quando o Ruben Kirschner era vice-prefeito de Nova Petrópolis foi alargada a Rua Antonio Schoeller, então uma pedra caiu dentro da rua e aquela pedra era muito pesada e ficava rolando pra lá e pra cá e as máquinas da prefeitura não conseguiam nem carregar ela e nem botar pro lado, daí a Célia e Nair foram para a aula, daí a Nair teria falado pra prefeitura “ô porque vocês não rolam ela lá em baixo perto da praça e deixe ela ali para bonito, vão fazer um canteiro em volta e deixa ela para bonito” e não pensaram duas vezes, a prefeitura rolaram ela lá para baixo e hoje está a pedra ali (E2).

Figura 21 – Instalação da Pedra-Monumento

Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings.

Além da Pedra-Monumento no entorno da praça, há a terceira sede da cooperativa, que abriga a agência Bancária Sicredi e o Memorial Padre Amstad, onde existem peças e fotografias que contam os passos do patrono do cooperativismo na América Latina. No mesmo prédio, está instalada a sede da Casa Cooperativa de Nova Petrópolis, da qual, no ano de 1952, foi colocada a pedra angular, em evento solene, com a presença do então governador do estado, General Ernesto Dornelles, contando com mais de 1.500 pessoas no ato. No ano de 1953, a sede foi transferida para o primeiro prédio novo, localizado ao lado da Praça Padre Amstad. Em 1958, é criada uma filial no centro de Nova Petrópolis (COOPERATIVISMO DE CRÉDITO, s/d.).

Tal prédio está passando por restauro e readequação, que tem prevista a instalação de: arquivo histórico, sala para atividades pedagógicas e espaço multiuso para reuniões e atividades dos grupos culturais da comunidade local. Além disso, o espaço também deverá contar, de forma lúdica e interativa, a história de como o cooperativismo impulsionou o desenvolvimento da região, sendo uma iniciativa para valorizar a memória e preservar o patrimônio (JORNAL DO COMÉRCIO, 2021).

Um dos entrevistados relata sua participação no evento em 1952 e o quanto se envolveu no processo de construção do prédio:

> Na caixa rural eu era a oradora quando foi posto a pedra fundamental. Lembro que eu estava de guarda-pó branco e um top azul, pois era o uniforme do grupo e eu era a oradora, mas depois a gente foi para a igreja. Depois para a construção a gente tinha que levar os tijolos lá e muitas vezes eu não tinha mais pele nos dedos de tanto carregar tijolos com a mão, tinha que pegar no forno, do forno colocar no caminhão e um colocava e empilhava no caminhão, então era tantas pilhas que daria 2.500 tijolos por carga, né. E aí nós levamos lá e tinha que descarregar lá de novo, então tinha que carregar e depois descarregar, isso foi na igreja e na caixa rural (E7).

É importante destacar que ainda estão, em ótimo estado de conservação, as duas primeiras sedes improvisadas, como a terceira que foi a primeira sede própria da Caixa Rural. É um marco para a comunidade a preservação desse patrimônio, como potencial turístico para o desenvolvimento, o fomento e a manutenção dessa memória e do patrimônio.

Figura 22 – Primeira sede

Fonte: Acervo do autor.

7 UM PASSEIO COOPERATIVO

Para as pequenas comunidades, o turismo possui grande relevância como meio do desenvolvimento econômico, considerando "[...] seus importantes efeitos econômicos, sociais, ambientais, políticos e culturais" (BENI, 1999, p. 97).

O turismo precisa ser um aliado do local e entorno, visando a manutenção do patrimônio, para que ele seja promovido com responsabilidade. *A priori* é o desenvolvimento turístico o responsável por promover a justiça social e a preservação da riqueza cultural, dentro dos princípios da viabilidade econômica (MTur, 2007). Tendo como base uma atividade que desenvolva outros setores, Oliveira conceitua o turismo como

> [...] o conjunto de resultados de caráter econômico, financeiro, político, social e cultural produzidos numa localidade, decorrentes do relacionamento entre os visitantes com os locais visitados durante a presença temporária de pessoas que se deslocam de seu local habitual de residência para outros de forma espontânea sem fins lucrativos (OLIVEIRA, 2002, p. 36).

Herédia e Tronca (2016, p. 355) abordam um dos segmentos turísticos que é o cultural, apontando-o como um meio de preservação. "A única forma de manter a memória desse patrimônio é garantir a sua preservação por meio legal cuja ação pode ser eficaz no sentido de assegurar sua proteção, ou através de sua disponibilização turísticas, como mostram experiências europeias".

O turismo cultural abrange as atividades de vivência do turista, juntamente com os elementos representativos da história, cultura e memória de uma comunidade. Dentro desta temática, existe o turismo histórico-cultural, que compreende o patrimônio. Consequentemente, a comunidade de Linha Imperial possui muitos bens culturais, devendo garantir a preservação e divulgação de seu patrimônio, por meio da história do cooperativismo, dos acontecimentos relevantes à localidade, aos prédios históricos, aos monumentos, por meio do reconhecimento de seus bens. As potencialidades turísticas podem ser fomentadas, mediante investimentos públicos e privados, e contribuir para fortalecer a preservação e a valorização da comunidade.

Esses aspectos históricos e culturais representam a oportunidade da estruturação de um produto turístico para a Linha Imperial. Consequentemente, poderá aumentar o fluxo de visitantes, sendo o turismo um meio de

desenvolvimento, através do turismo cultural, quando ocorre a valorização e promoção da cultura, a preservação do patrimônio histórico e cultural, com a geração de oportunidades de negócios e empregos, respeitando valores, símbolos e significados, presentes na cultura da comunidade envolvida no estudo, neste caso, Linha Imperial, em Nova Petrópolis.

O resultado da pesquisa de evidenciou que os moradores acreditam que seja possível organizar turismo cultural, a partir de suas histórias. Pelas narrativas, indicaram que é possível planejar um turismo que ressalte: o pertencimento histórico, a homogeneidade cultural, a sociabilidade, como elementos de identificação da cultura, e a valorização do seu patrimônio.

Por meio do pertencimento histórico, foi possível identificar uma ligação forte com suas origens germânicas, trazendo toda uma coerência, valores e a representação de um povo, demonstrada na originalidade existente, que, através de histórias comuns e compartilhadas, construíram um núcleo cultural, único e coletivo. Este pertencimento supera as barreiras conservacionistas, por meio do anseio de compartilhar o que existe na comunidade, abrindo e querendo, com orgulho, ofertar e dividir com outros povos e culturas o que viveram e o que buscam preservar, mostrando o quanto amam sua localidade, suas origens e o que construíram ao longo dos anos, gerando uma comunidade forte, representativa e coesa.

Um dos traços que ressaltaram no estudo é a homogeneidade cultural que caracteriza a comunidade, baseada em valores comuns, que seguem preservados e fomentados. Hábitos que consolidam uma comunidade que, através das ações do cotidiano, manteve e criou uma cultura homogênea, consolidada, intensificada e mantida através da língua, que, por sua vez, foi um dos fatores mais relevantes de integração cultural, pois a língua, além de ser um fator de comunicação em um novo país, era tratada como uma forma de ligação, de proteção, de integração e reconhecimento. A língua os uniu e os manteve integrados, passando por gerações e conectando-se com os antepassados e a longínqua Europa.

A pesquisa registra que a visão que tinham de comunidade, vinda do país de partida, facilitou a ligação da comunidade, ou seja, tinham presente, antes de migrarem, uma concepção de aldeia e, nela, a presença da igreja, da escola e da sociedade. Esta visão de passado conseguiram reconstruir na nova terra, tanto que, ao chegarem, sentiram falta destes elementos. Sendo assim, buscaram construir

esses núcleos para a manutenção da fé, da educação para os jovens e a Sociedade objetivava ter momentos de lazer e confraternização.

Essa homogeneidade construída alinha-se diretamente com a sociabilidade comunitária. Um dos elementos de sociabilidade era a igreja, local sagrado e de presença contínua dos imigrantes, além de ser um ponto de encontro das famílias. Já a Sociedade chegava a ser uma extensão da igreja, através das festividades religiosas e local de encontro para a prática de esportes culturais, canto e dança. As famílias mantinham vínculos afetivos que se intensificavam, em determinadas épocas do ano, como no Natal e no *Kerb*, momento de encontro, religiosidade, festividade e união, entre familiares e comunidade. A igreja, a sociedade e os espaços comuns eram utilizados para a preservação e o fortalecimento da comunidade, que se unia para reforçar suas origens germânicas, manifestações culturais e estruturar seu núcleo homogêneo, assim construindo uma comunidade viva e ativa.

O pertencimento, a homogeneidade e a sociabilidade promoveram o desenvolvimento da Linha Imperial e a construção de um patrimônio rico e com grande potencial turístico. Este envolvimento e o espírito associativo fortaleceram ainda mais o cooperativismo de um povo que, com muitas mãos, promoveu a comunidade, ergueu prédios e construiu a praça local. Permaneceu um legado ímpar e imponente através dos seus prédios. Além das construções, diversos monumentos reforçam e preservam a memória da comunidade, demostrando e comprovando a riqueza e ousadia de um povo unido com ideais progressistas, mas que jamais esqueceu do seu passado e de onde veio, tornando a Linha Imperial um local rico de possibilidades e que, após o empenho histórico das pessoas, o turismo pode ser o novo fator para fazer da Linha Imperial um local ainda mais relevante na região, por meio do turismo sustentável e de preservação.

Falar de desenvolvimento turístico para uma localidade, ou criar roteiros, muitas vezes pode parecer algo simples e superficial, por outras, assim é feito, mas, quando se trata da elaboração de um produto, e este possui planejamento, embasamento e conteúdo, é um caminho mais fácil e coerente de se trilhar. Mas, para que isso aconteça de forma natural, é necessário anteriormente pesquisar e entender o local estudado, suas origens, potencialidades, os equipamentos, a infraestrutura e vocação turística; assim, encontrou-se na Linha Imperial todos os elementos necessários para a criação de um produto turístico consolidado, o que

somente foi possível após esta pesquisa profunda, envolvendo os principais atores que são seus moradores, que ergueram uma comunidade forte e que precisam ser reconhecidos, porque vislumbram no turismo a possibilidade da preservação das suas memórias.

Linha Imperial com seu contexto histórico, patrimônio existente e equipamentos turísticos, possui grande potencial para promover o turismo histórico e cultural, através do cooperativismo, da cultura germânica, das festividades e paisagens naturais, elementos que podem posicionar e impulsionar o turismo na comunidade. Por meio de eficiente sinalização turística para atrair fluxo na ERS-235, identificação e informações dos locais de interesse turístico, cria-se a possibilidade, por meio das características existentes, de construção de um museu de território, para fortalecer o que existe e buscar o alinhamento com os empreendimentos locais e com aqueles que estão sendo desenvolvidos. Vislumbra-se um bairro que possui um excelente acesso – estando entre Nova Petrópolis e Gramado –, comércio variado, artesanato, restaurantes e lancherias, bem como meios de hospedagens variados e com qualidade, ou seja, estrutura para receber o turista, além de ser um local calmo e com excelente posicionamento geográfico.

Muitos dos elementos citados foram construídos pelos antigos descendentes de imigrantes e deve-se ao envolvimento de moradores da localidade, por meio de mutirões. Cabe, agora, refletir e articular o turismo cultural, a história, identidade, memória e seu patrimônio, para definir e formatar um produto turístico para a comunidade de Linha Imperial. É necessário buscar meios teóricos, para embasar e planejar um destino turístico, por isso está pesquisa trata-se de um estudo importante e necessário para a preservação e o desenvolvimento desta localidade, que possui grande potencial turístico.

Durante o trabalho e desenvolvimento propostos, junto ao patrimônio, foi importante manter o cuidado e a cordialidade, sem prejudicar ou degradar o espaço. Chuva (2015) destaca que existe um grande leque de meios para preservar o patrimônio, com diversos focos e finalidades, como é o caso do turismo, que visa o interesse de manter e dar divulgação, como meio de utilizá-lo turisticamente. Para tanto, deve haver interação e buscar-se um norte, por meio de interesses, visando um objetivo comum.

Um dos meios para essa preservação passa pelo turismo, que, por vezes, questiona a exploração indevida do patrimônio. Chuva (2020, p. 26) traz o turismo

como uma das primeiras alternativas para a preservação do patrimônio: “O turismo passa a ser visto como a saída para a sustentabilidade do patrimônio edificado e urbano protegido e em boa medida abandonado, em deterioração”. Ainda destaca que se trata de um desenvolvimento com menos impactos e com poucos prejuízos:

> Visto como a indústria sem chaminé, o turismo avançou tornando-se, na perspectiva dominante na época, a grande saída para esse patrimônio. Recomendações da Unesco, anteriores à instituição de normas voltadas para o patrimônio mundial apontavam nessa direção. Sem dúvida, os países europeus serviram-se bem disso, reforçaram sua centralidade, bem como o paradigma civilizador ocidental, com a expansão do turismo ao “Velho Mundo”, em que a atividade gera recursos imensos e está fortemente associada ao patrimônio cultural (CHUVA, 2020, p. 26).

Ao analisar as colocações de Chuva, pode-se perceber o alinhamento da história/patrimônio com o turismo, desde que não interfira, mas agregue um ao outro, como é o caso da Linha Imperial, que, por possuir um patrimônio cultural rico, viabiliza a elaboração de um adequado roteiro turístico, fortalecendo e envolvendo o espírito associativo e cooperativo, o que, certamente, representará um ganho para Nova Petrópolis e à memória local.

O turismo pode ser o ente transformador e o caminho para o desenvolvimento da Linha Imperial, através da memória, do patrimônio e da história da comunidade, por meio do turismo cultural. A memória individual é o caminho para a construção da memória coletiva, continuidade cultural, neste caso, a germânica e cooperativista. Este estudo serve como instrumento para futuras pesquisas na comunidade acadêmica, também irá favorecer a divulgação e preservação desta memória local, sendo potencializada pelo turismo cultural na Linha Imperial, em Nova Petrópolis, preservando e protegendo o patrimônio e a história local.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Município de Nova Petrópolis está em pleno desenvolvimento turístico, pois vem planejando e se estruturando para receber os turistas e se consolidar, junto aos demais municípios da região. Possui diversos roteiros, atrativos naturais e culturais, eventos, artesanato, gastronomia farta, diversas opções de hospedagem, natureza, paisagem e um povo hospitaleiro. E isso tem sido um grande fator para o desenvolvimento local, social e econômico. Com isto, tem-se no turismo um vasto campo de atuação, podendo atuar com um olhar dirigido ao desenvolvimento sustentável do município e às muitas atrações culturais existentes, para estimular a vinda de turistas.

O “Programa Nova 2050, Agenda Estratégia e Plano de Mobilidade Urbana” para Nova Petrópolis, visa seu desenvolvimento para os próximos 30 anos. Destaca o turismo como um dos principais segmentos econômicos, devendo ser uma das principais pautas presentes nos planos de governo do município. Depois de estudo e após aprovação pela Câmara de Vereadores, transformou-se na Lei n. 4.916 e Política Pública Municipal, tendo ênfase, na página 123, item c, o destaque e a valorização das paisagens e do turismo, aspectos que aparecem em quase todo o plano estratégico (NOVA 2050, 2020, p. 123).

O estudo destaca no município seu potencial turístico e cultural: “Nova Petrópolis é um município de extraordinária riqueza como paisagem cultural” e dá ênfase à natureza exuberante e à ligação europeia/germânica: “[...] território natural atraente, mas historicamente aprimorado pela presença humana com intensidade especial, desde o final do século XIX, devido à colonização germânica”. Traz a relação de dois conjuntos identificados como prioritários: o de Paisagem Patrimonial e o dos Atrativos Turísticos, buscando uma integração entre ambos. “A integração ou articulação desses dois conjuntos define o quadro geral das políticas a serem aplicadas como prioritárias”, além de apontar a importância desta construção pela germanidade, envolvendo a Cultura Cooperativa e a Tradição Germânica: “articulação da economia, produção rural e gestão cooperativa” (NOVA 2050, 2020, p. 123).

Ao se abordar o turismo e as possibilidades culturais, tem-se a seguinte definição de Pires (2002, p. 67): “visita de pessoas de fora da comunidade receptora, motivadas completamente ou em parte por interesses na oferta histórica, artística,

científica ou no estilo de vida, tradições da comunidade, religião, grupo ou instituição".

Pesquisadores do turismo cultural destacam que os atrativos turísticos históricos e culturais devem priorizar a comunidade local e os hábitos existentes e ter, no viés turístico, respeito ao local, levando a melhor aproveitamento turístico. O produto do turismo cultural deve conhecer sua demanda, inclusive as ofertas de lazer que concorrem pela atenção do consumidor contemporâneo (PIRES, 2002).

Gastal (2002) considera importante refletir sobre o lugar de memória no produto do turismo cultural, visando o segmento ser mais que um mero diferencial mercadológico. O lugar de memória é importante para o pesquisador e para o profissional, que reconhecem no turismo sua representatividade em uma rua, uma casa, um comércio ou mesmo um objeto constituinte da identidade local, com o qual a comunidade possua laços de afetividade:

> Nem sempre um prédio ou um objeto precisa ser "excepcional" para fazer parte das recordações de um grupo social, pois as vivências das comunidades não são significativas por constarem dos registros que a história oficial guardou ou que o mercado financeiro valorize, mas por uma série de liames afetivos (GASTAL, 2002, p. 73).

Com este estudo, levantaram-se teorias e buscaram-se fatos históricos, importantes para se identificar o interesse da comunidade no desenvolvimento turístico, sendo nítido na Linha Imperial. Estas "costuras" são apresentadas por Tomazzoni (2009), que vê no turismo uma alternativa de crescimento econômico, destacando a distribuição de renda e gerando empregos. Porém, primeiramente é necessário identificar os aspectos históricos, culturais e mapear o ambiente atual, conforme destaca:

> A construção de um modelo das ligações e das relações entre as organizações locais, para o desenvolvimento do turismo, não pode desconsiderar a história da comunidade, bem como a origem das suas atividades econômicas (TOMAZZONI, 2009, p. 95).

Conhecer a história da comunidade em que se propõe a atividade turística é primordial, pois traz sentido ao roteiro e ligação do turismo com a comunidade, por meio da cultura e do patrimônio local. Conhecer relatos históricos valoriza o território, ~~pois~~ ao destacar a força local, através da língua, gastronomia, dos hábitos, costumes, das tradições, manifestações artísticas e culturais, da arquitetura, organização comunitária, das práticas religiosas e da preservação cultural,

fundamentados na memória dos antepassados, reverenciada na trajetória histórica, potencializando o local, turisticamente. Assim, destaca-se que “a história de um povo contém múltiplas peculiaridades e curiosidades, que podem ser muito apreciadas pelos turistas” (TOMAZZONI, 2009, p. 95).

Ocorrendo a construção de forma salutar e ordeira, viabiliza a interação cultural dos visitantes com os moradores. Todas essas manifestações, transformadas em um produto turístico, contribuem, significativamente, para a preservação da história e do patrimônio e concorrem, positivamente, para o desenvolvimento econômico. “Por meio da atividade turística, os patrimônios culturais, em suas mais diversas formas e manifestações, têm conquistado visibilidade e valorização no mercado cada vez mais competitivo e globalizado” (TOMAZZONI, 2009, p. 96).

Este planejamento e a implantação do turismo vêm para intensificar e valorizar o espaço local, trazendo impactos altamente positivos, tais como: a melhora na qualidade de vida, investimento em museus e espaços culturais, conservação dos costumes, crescimento econômico, respeito pela religião e fortalecimento do estilo de vida comunitário. “O turismo é fator de fortalecimento da autoestima e das identidades culturais. Promove a educação, incentiva e implementa a paz, a convivência harmoniosa e a integração entre os povos” (TOMAZZONI, 2009, p. 112).

> O turismo, por sua natureza e essência, implica a busca de diferenças que são traçadas pela cultura e pelo patrimônio. Ao representar um dos veículos mais importantes de divulgação cultural, o Turismo emerge como instrumento de reafirmação de culturas e de patrimônios singulares. Esta atividade tem, na cultura e no patrimônio, esteios relevantes que lhe permitem promover encontros de singularidade (TOMAZZONI, 2009, p. 95).

Nova Petrópolis possui enorme potencial cultural, histórico e natural, já seu posicionamento geográfico é estratégico na Serra gaúcha, e sua infraestrutura urbana reúne condições para o desenvolvimento do setor turístico. Desta forma, integra-se de modo competitivo aos destinos consolidados no Rio Grande do Sul, contribuindo para o desenvolvimento do setor no estado e oportunizando a inclusão social e econômica de uma significativa parcela da população local.

Ao estudar a história da imigração germânica no Rio Grande do Sul, de forma detalhada no Município de Nova Petrópolis, reconhece-se a força de sua

germanidade e suas contribuições para o desenvolvimento local e regional. Vale ressaltar o pioneirismo no cooperativismo com o Padre Theodor Amstad com a Caixa de Economias e Empréstimos, tendo como sede e início das atividades em Linha Imperial, no ano de 1902.

O “Programa Nova 2050” aponta, como um dos projetos a serem realizados, um roteiro que valorize o cooperativismo o que este estudo, também, está buscando viabilizar. Conforme o Programa:

> O turismo como demais segmentos econômicos precisa de inovação. Nova Petrópolis carece de ofertas turísticas, sejam através de novos roteiros ou rotas turísticas (grupos de empreendimentos) ou novas atrações turísticas privadas. Os potenciais turísticos são muitos e precisam ser ordenados, organizados e preparados para que os visitantes possam usufruir. Somos a “Capital Nacional do Cooperativismo”, temos história e somos pioneiros no cooperativismo de crédito. Este patrimônio deve ser melhor explorado para o turismo, criando opções e ações diferenciadas (NOVA 2050, 2020, p. 89).

A realização do projeto possui viabilidade, desde que seja aproveitado o trânsito de turistas da região. Linha Imperial está localizada entre Nova Petrópolis e Gramado. Em 2019, num ano sem pandemia, segundo dados da Empresa Gaúcha de Rodovias (EGR) houve o fluxo de 1,7 milhão de carros e 5.871 mil ônibus. Pode-se também abordar o turismo voltado ao cooperativismo, que pode envolver no Brasil 5,3 mil cooperativas, que contam com 15,5 milhões de cooperados e geram 427.576 empregos diretos, de acordo com o Anuário do Cooperativismo Brasileiro. Com esses dados, vislumbra-se o potencial desta comunidade. Com este montante de veículos e apelo cooperativista entre seus associados e colaboradores, tendo a comunidade de Linha Imperial um produto turístico, poderá ser desenvolvido e fomentado o turismo cultural, através da história e de fatos relevantes, mas, principalmente, pelos atrativos e pela estrutura turística existente, gerando desenvolvimento econômico e social.

Trindade, César e Vianna (2019), nesse contexto, trazem a necessidade do envolvimento, do cooperativismo e das articulações, juntamente com a comunidade, visando o desenvolvimento. Alinhados com as demandas e suas origens, definir o espaço, a localização turística, as prioridades; mobilizar os atores envolvidos; articular com responsabilidade e manter um processo de sensibilização, tendo como objetivo a efetivação turística.

Pode-se apresentar de forma detalhada a necessidade de um planejamento bem-elaborado, que poderá se tornar num meio de gestão local, gerando

possibilidades de desenvolvimento para o futuro, ao serem determinados os objetivos, as ações, metas e monitoramentos. Deve compreender atividades múltiplas, visando integração, com o intuito de preservar o meio ambiente e garantir retorno econômico, melhorias nos indicadores sociais e políticos, que dependem de agentes, como governos, organizações não governamentais, empresas, turistas e comunidade local, além dos elementos, como: atrativos, turísticos, de hospedagem, outros equipamentos turísticos e serviços, transporte, infraestrutura e elementos institucionais (TRINDADE; CÉSAR; VIANNA, 2019, p. 657).

Ao pesquisar as origens migratórias do Município de Nova Petrópolis, fica nítido o forte enraizamento com a cultura germânica, no qual a história é preservada e divulgada por meio do turismo e de suas manifestações culturais. O interior de Nova Petrópolis, como é o caso da Linha Imperial, apresenta um grande potencial turístico com a história do cooperativismo e da cultura lá existente, além de possuir outros atrativos e eventos. Linha Imperial está conforme destaca o “Programa Nova 2050”: envolve turismo, cooperativismo, ruralidade, natureza e sustentabilidade; sendo, assim, uma grande oportunidade de desenvolvimento ordeiro para aquele espaço.

Ao falar de possibilidades no turismo, é importante trazer dados de 2019 da *World Travel & Tourism Council* (WTTC, 2021). Antes da pandemia Covid-19, o turismo e as viagens representavam um em cada quatro de todos os novos empregos criados no mundo; 10,6% de todos os empregos e 10,4% do PIB global.

Neste estudo, reconhece-se o turismo a partir do conceito de Beni (2006), ~~no~~ que o descreve como um processo de decisão, em que diversos fatores estão inclusos pelo viajante, mas que possui, em suas escolhas, um objetivo motivacional para sua viagem, sendo assim, para o estudo, o turismo é:

> Um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Nesse processo intervêm inúmeros fatores de realização pessoal e social, de natureza motivacional, econômica, cultural, ecológica e científica, que ditam a escolha dos destinos, a permanência, os meios de transporte e o alojamento, bem como o objetivo da viagem em si para fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos de sonhos, desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico-humanístico, profissional, e de expansão de negócios. Esse consumo é feito por meio de roteiros interativos espontâneos ou dirigidos, compreendendo a compra de bens e serviços da oferta original e diferencial das atrações e dos equipamentos a ela agregados em mercados globais com produtos de qualidade e competitivos (BENI, 2006, p. 37).

As potencialidades turísticas podem ser fomentadas por meio de investimentos públicos e privados, e contribuir para fortalecer a preservação e a valorização de municípios. Os aspectos históricos e culturais, aqui relatados, representam a oportunidade da estruturação de um produto turístico. Consequentemente, poderá aumentar o fluxo de visitantes. O turismo é um meio de desenvolvimento, pois, através do turismo cultural, ocorre a valorização e promoção da cultura; a preservação do patrimônio histórico e cultural; há geração de oportunidades de negócios e empregos, que, juntos, respeitam valores, símbolos e significados presentes na cultura do Município de Nova Petrópolis.

REFERÊNCIAS

AGULHON, Maurice. **El círculo burguês**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, Argentina, 2009.

AGULHON, Maurice. Le cercle dans la France bourgeoise 1810-1848. Etude d'une mutation de sociabilité. **Cahier des annals**, Paris: Armand Colin, 1977. n. 36.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Vozes esquecidas em horizontes rurais**: histórias de professores. Porto Alegre: UFRGS, 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2001.

AMSTAD, T. De que maneira podemos tornar-nos economicamente independentes do estrangeiro (Conferência de 1899). Trad. de Arthur B. Rambo. *In*: RAMBO, **Somando forças**: o projeto social dos jesuítas do Sul do Brasil. São Leopoldo: Unisinos, 2011.

AMSTAD, Teodoro. **Memórias autobiográficas**. Trad. de Arthur Rabuske. São Leopoldo: Unisinos, 1981.

AREND, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio. **História, cultura e memória**: 180 anos da imigração alemã. São Leopoldo, RS: Oikós, 2005.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do Turismo**. 7. ed. Campinas: Papirus, 1999. *In*: BARRETTO, Margarida. **Cultura e turismo**: discussões contemporâneas. Campinas, SP: Papirus, 2007.

BENI, Mário Carlos. Análise do desempenho institucional do turismo na administração pública*. In:* CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; GASTAL, Susana (org.). **Turismo urbano**: cidades, sites de excitação turística. Porto Alegre: Edição dos Autores, 1999.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Senac, 1998.

BENI, Mário Carlos. Política e planejamento estratégico no desenvolvimento sustentável do turismo. São Paulo: Rev. **Turismo em Análise**, v. 17, n. 1, p. 5-22, maio, 2006. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/68228/70775. Acesso em: 16 jul. 2020.

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Trad. de Josely Vianna Baptista. Bauru, SP: Edusc, 2002.

BOURDIN, Alain. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Programa de regionalização do turismo – roteiros do Brasil**: turismo e sustentabilidade. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2007.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Mapa do Turismo**: 2019-2021, 2020. Disponível em: http://www.mapa.turismo.gov.br/mapa/init.html#/home. Acesso em: 3 ago. 2020.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo cultural**: orientações básicas. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. 3. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf. Acesso em: 19 maio 2020.

BRAUM, Felipe Kuhn. **Alemães no Brasil**: 1824 – 1945. São Leopoldo, RS: Oikós, 2017.

BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**: os pólos da prática metodológica. Trad. de Ruth Joffily. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Trad. de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.

CAPITAL DO COOPERATIVISMO. **O roteiro do cooperativismo**. Disponível em: http://www.capitaldocooperativismo.com.br/cooperativismo/roteiro.asp. Acesso em: 31 jun. 2020.

CASA COOPERATIVA. **Nova Petrópolis recebe Monumento à Irmandade**. Disponível em: http://www.capitaldocooperativismo.com.br/noticias/noticiadetalhe.asp?lconteudo=20. Acesso em: 20 jul. 2021.

CHUVA, Márcia. A pesquisa no Iphan: conhecimento, legitimidade e ação política. *In*: RESENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia. Dicionário Iphan de Patrimônio Cultural. Rio de Janeiro, Brasília: Iphan/DAF/Copedoc, 2015.

CHUVA, Márcia. Patrimônio cultural em perspectiva de colonial: historiando concepções e práticas. *In*: DUARTE, Alice (ed.). **Seminários DEP/FLUP**. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras/DCTP, 2020. p. 16-35. v.1.

CHUVA, Márcia. **Os arquitetos da memória**: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940). Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

COOPERATIVISMO DE CRÉDITO. **Sicredi Pioneira RS**: a pioneira na América Latina. Disponível em https://cooperativismodecredito.coop.br/cooperativismo/historia-do-

cooperativismo/sicredi-pioneira-rs-a-pioneira-na-america-latina. Acesso em: 20 jul. 2021.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. de Viviane Ribeiro 2. ed. Bauru, SP: Edusc, 2002.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**. Escolhendo entre cinco abordagens. São Paulo: Penso Editora, 2014.

DEPPE, Gessy (org.). **Contribuição para a história de Nova Petrópolis**: depoimentos. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1988.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural**: recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A dinâmica da cultura**: ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

FLORES, Agnes Hübner; ROCKENBACK, Silvio Aloisio. **Imigração alemã**: 180 anos – história e cultura. Porto Alegre, RS: Corag, 2004.

FREIRE; PEREIRA, Lígia Leite. História oral, memória e turismo cultural. *In*: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (org.). **Interpretar o patrimônio um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG: Território Brasilis, 2002.

GASTAL, Susana. Lugar de memória: por uma nova aproximação teórica ao patrimônio local. *In*: GASTAL, S.; BENI, M. C.; CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Turismo**: investigação e crítica. São Paulo: Contexto, 2002. p. 69-81.

GASTAL, Susana. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005. (Coleção ABC do turismo).

GRINGS, Dom Dadeus. **Entrevista 10**. Entrevistador: Santos, Rodrigo José. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidades – Mestrado, Universidade de Caxias do Sul. Nova Petrópolis: 2020. Entrevista concedida à pesquisa de Mestrado.

GRINGS, Paula. **Entrevista 7**. Entrevistador: Santos, Rodrigo José. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidades – Mestrado, Universidade de Caxias do Sul. Nova Petrópolis: 2020. Entrevista concedida à pesquisa de Mestrado.

GRINGS, Paulo. **Entrevista 6**. Entrevistador: Santos, Rodrigo José. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidades – Mestrado, Universidade de Caxias do Sul. Nova Petrópolis: 2020. Entrevista concedida à pesquisa de Mestrado.

GUBERT, Renzo; POLLINI, Gabriele. **Cultura e desenvolvimento**: uma investigação sociológica sobre os imigrantes italianos e alemães no sul do Brasil. Porto Alegre: EST Edições, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. México: Anthropos, 2004.

HENRIQUES, Cláudia. **Turismo cidade e cultura**: planejamento e gestão sustentável. Lisboa: Edições Silabo, 2003.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; TRONCA, Bruna. Patrimônio industrial e turismo: a Vila Operária de Galópolis, Caxias do Sul, RS. Caxias do Sul: **Revista Rosa dos Ventos** – Turismo e Hospitalidade, v.8, n. III, p. 343-357, jul./set. 2016. Disponível em: file:///C:/Users/rodri/Downloads/4404-17458-1-PB.pdf. Acesso em: 19 maio 2020.

HEYLMANN, Paulo Antônio. **Entrevista**: Praça Theodor Amstad, Linha Imperial. Entrevistador: Santos, Rodrigo José. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidades – Mestrado, Universidade de Caxias do Sul. Nova Petrópolis: 2019. 1 arquivo .mp3 (11:48min.). Entrevista concedida à pesquisa de Mestrado.

HEYLMANN, Célia Weber. **Entrevista 3**. Entrevistador: Santos, Rodrigo José. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidades – Mestrado, Universidade de Caxias do Sul. Nova Petrópolis: 2020. Entrevista concedida à pesquisa de Mestrado.

HEYLMANN, Paulo Antônio. **Entrevista 2**. Entrevistador: Santos, Rodrigo José. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidades – Mestrado, Universidade de Caxias do Sul. Nova Petrópolis: 2020. Entrevista concedida à pesquisa de Mestrado.

HILLEBRAND, Márcia. **Cantos tradicionais:** uma leitura da cultura gaúcha. Caxias do Sul, RS, 2016.

HILLEBRAND, Cláudio. **Entrevista 9**. Entrevistador: Santos, Rodrigo José. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidades – Mestrado, Universidade de Caxias do Sul. Nova Petrópolis: 2020. Entrevista concedida à pesquisa de Mestrado.

HILLEBRAND, Magdalena Beatriz. **Entrevista 1**. Entrevistador: Santos, Rodrigo José. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidades – Mestrado, Universidade de Caxias do Sul. Nova Petrópolis: 2020. Entrevista concedida à pesquisa de Mestrado.

HILLEBRAND, Ovídio. **Entrevista 4**. Entrevistador: Santos, Rodrigo José. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidades – Mestrado, Universidade de Caxias do Sul. Nova Petrópolis: 2020. Entrevista concedida à pesquisa de Mestrado.

HILLEBRAND, O. Espaço para cultura: construção da Praça Padre Amstad. **Jornal de Nova Petrópolis**, Nova Petrópolis, p. 3, 17 maio 2020.

INSTITUTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Iphan). **Rio Grande do Sul**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/340. Acesso em: 1º abr. 2020.

INSTITUTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Iphan). **Patrimônio cultural**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Constituicao_Federal_art_216.pdf. Acesso em: 1º abr. 2020.

JORNAL DO COMÉRCIO. **Prédio da década de 1950 será reformado em Nova Petrópolis**. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/jornal_cidades/2021/07/800141-predio-da-decada-de-1950-sera-reformado-em-nova-petropolis.html. Acesso em: 20 jul. 2021.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. **Entrevista narrativa**. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

KLEEMANN, Flávio Luis. **Cooperativismo rural em Nova Petrópolis**: um estudo a partir da visão do associado de uma cooperativa local. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/87398/000908168.pdf?sequence=1. Acesso em: 31 ago. 2019.

LOEBENS, Eli Maria Grings. **Entrevista 8**. Entrevistador: Santos, Rodrigo José. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidades – Mestrado, Universidade de Caxias do Sul. Nova Petrópolis: 2020. Entrevista concedida à pesquisa de Mestrado.

MANFROI. Emigração e identificação cultural a colonização italiana **no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: **Revista Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. 1, n. 2, 1975. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/36220/19034. Acesso em: 28 maio 2020.

MARRA, Adriana Ventola. **História do cooperativismo**: aula 2. Disponível em: http://proedu.rnp.br/bitstream/handle/123456789/578/Aula_02.pdf?sequence=7&isAllowed=y. Acesso em: 21 jul. 2020.

McKERCHER, Bob. Towards a classification of a cultural tourists. **International Journal of Tourism Research**, v. 4, 2002.

MÜLLER, Telmo Lauro. **1824**: antes e depois. A imigração alemã no Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: http://www.genealogiacapef.com.br/index.php/de/fatos-historicos/133-imigracao-alema. Acesso em: 13 maio 2020.

MÜLLER, Telmo Lauro. **Colônia alemã**: 160 anos de história. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

NEUMANN, Guido Otto. **Entrevista**: Praça Theodor Amstad, Linha Imperial. Entrevistador: Célia Heylmann. Nova Petrópolis: 2012. 1 arquivo .videoclipe (21:44min).

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: Gallimard, 1993.

NOVA 2050. **Agenda Estratégia e Plano de Mobilidade Urbana de Nova Petrópolis**, 2020. Disponível em: https://novapetropolis.cespro.com.br/visualizarDiploma.php?cdMunicipio=7699&cdDiploma=20204916&NroLei=4.916&Word=&Word2=. Acesso em: 20 jul. 2021.

NOVA PETRÓPOLIS. Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio. **Turismo**, 2019. Disponível em: https://www.novapetropolis.rs.gov.br/secretarias/turismo-industria-e-comercio. Acesso em: 12 ago. 2019.

NOVA PETRÓPOLIS. Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio. **Jardim Mais Alto e Mirante do Menino Jesus de Praga**, Nova Petrópolis, 2020. Disponível em: https://turismo.novapetropolis.rs.gov.br/locais/jardim-mais-alto-e-mirante-do-menino-jesus-de-praga. Acesso em: 4 fev. 2020.

OLIVEIRA, A. P. **Turismo e desenvolvimento**: planejamento e organização. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

PAULA, Angela Teberga de; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. A “turistificação” de um lugar de memória é possível**?** Um estudo sobre o Sítio Arqueológico do Cais do Valongo (Rio de Janeiro, Brasil). **Rev. Anais Bras. de Est. Tur.,** Abet, Juiz de Fora, v. 8, n.1, p.8- 22, jan./abr. 2018.

PAZ, Ivoni Nör (org.). **Evolução política e econômica de Nova Petrópolis**: de colônia provincial a município, da pequena propriedade ao turismo. Porto Alegre, RS: Corag, 2006.

PAZ, Ivoni Nör. **Nova Petrópolis**: da submissão à rebeldia (1858-1937). Caxias do Sul, RS: UCS, 1998.

PICCOLO, Helga. **Contribuições para a história de Nova Petrópolis**. Caxias do Sul: EDUCS, 1989.

PIRES, M. J. **Lazer e turismo cultural**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2002.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. História oral como arte da escuta. Trad. de Ricardo Santhiago**. Revista Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. **Imigração, práticas culturais e sociabilidade:** novos estudos para a América Latina. São Leopoldo, RS: Editora Oikos, 2016.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. **O teatro da sociabilidade**: clubes sociais como espaço de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras. São Leopoldo, RS: Editora Oikos, 2019.

REIMANN, Ernani Tadeu. **Entrevista 5**. Entrevistador: Santos, Rodrigo José. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidades – Mestrado, Universidade de Caxias do Sul. Nova Petrópolis: 2020. Entrevista concedida à pesquisa de Mestrado.

ROSCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, RS: Editora Globo, 1969.

SANTOS, Rodrigo José dos. **A Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul**: um estudo sobre as potencialidades turísticas a partir da rota Caminho farroupilha cultura & tradição gaúcha. Novo Hamburgo, RS, 2016. Disponível em: https://biblioteca.feevale.br/monografia/MonografiaRodrigoJSantos.pdf. Acesso em: 4 abr. 2020.

SAPIR, Edward. Cultura: genuína e espúria. *In*: PIERSON, Donald (org.). **Estudos de organização social**. São Paulo: Martins Editora, 1949.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SICREDI PIONEIRA RS. **Vídeo dos 100 anos da Sicredi Pioneira RS**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CujTjb_KqJA. Acesso em: 31 ago. 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da; STUART, Kathryn H. W. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TOMAZZONI, Edgar Luis. **Turismo e desenvolvimento regional:** dimensões, elementos e indicadores. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2009.

TRINDADE, B. da S.; CÉSAR, P. A. B.; VIANNA, S. L. G. Governança do turismo: planejamento e gestão local e regional em Gramado – RS, Brasil. **Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, v.11, n. 3, p. 653-663, jul./set. 2019. Disponível em: http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v11i3p653. Acesso em: 15 jul. 2020.

TUBINO, Nina. **Das Deutschtum in Brasilien**: a germanidade no Brasil. Porto Alegre, RS: Sociedade Germânia, 2007.

VELHO, Gilberto. **Entrevista com Gilberto Velho**. Entrevista concedida em 3 de julho de 2001 a Celso Castro, Lucia Lippi Oliveira e Marieta de Moraes Ferreira. Estudos Históricos, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, v. 2, n. 28, p. 183-210, 2001.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

Está sendo realizado um estudo intitulado MEMÓRIA, CULTURA E PATRIMÔNIO: POSSIBILIDADES PARA O TURISMO CULTURAL EM NOVA PETRÓPOLIS, com o objetivo de analisar os elementos que constituem a memória coletiva da comunidade de Linha Imperial, em Nova Petrópolis, a fim de promover o turismo cultural. A pesquisa faz parte da Dissertação de Mestrado em Turismo e Hospitalidade, de Rodrigo José dos Santos, sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Vania Beatriz Merlotti Herédia, do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, da Universidade de Caxias do Sul. Todas as informações do questionário serão de uso exclusivo para a realização da pesquisa da Dissertação, ou de relatórios e artigos que dela resultarem. Agradecemos, desde já, a colaboração e participação na pesquisa:

Nome, data da entrevista, local em que nasceu, local onde mora, escolaridade, religião, profissão.

1) Qual tua ligação com a comunidade de Linha Imperial?

2) O que sabes da história da Linha Imperial? Podes contar?

3) Qual o local de origem da tua família?

4) Nas tuas lembranças, como era a vida na comunidade?

5) Quais foram os acontecimentos mais importantes na história da Linha Imperial? Por quê?

6) Qual lugar representa a localidade de Linha Imperial?

7) Para o(a) senhor(a), quais os lugares mais frequentados pelos moradores na comunidade?

8) Podes descrever as principais atividades da rotina, no final de semana?

9) Alguma lembrança especial que o(a) senhor(a) tem da Linha Imperial?

10) Dentre das obras que existem na Linha Imperial, poderias falar das que consideras mais importantes e como ocorreu sua construção e o envolvimento da comunidade?

11) Qual é a contribuição e o envolvimento da tua família, na comunidade da Linha Imperial?

12) Referente à questão cultural nesta comunidade, o que destacas?

13) Gostaria de fazer algum registro sobre algo que consideras muito importante e que caracterize a Linha Imperial?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada (o) Sr.(a),

Estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre "Memória, Cultura e patrimônio: possibilidades para o turismo cultural em Nova Petrópolis", com o objetivo de analisar os elementos que constituem a memória coletiva da comunidade de Linha Imperial, em Nova Petrópolis, a fim de promover o turismo cultural. A pesquisa está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, da Universidade de Caxias do Sul. Assim, gostaríamos de entrevistá-lo(a) para obter informações sobre a memória da comunidade de Linha Imperial. A pesquisa está sendo realizada por Rodrigo José dos Santos, sob a orientação da Prof. Dra. Vania B. M. Herédia. A sua participação é voluntária, com sua permissão para uso da informação a nós disponibilizada. Se tiver qualquer dúvida, poderá interromper a entrevista e solicitar os esclarecimentos que quiser.

Disponibilizamos também um telefone para qualquer dúvida que surgir após o término da sua entrevista (54) 99154-4546.

Data:

Assinatura da (o)entrevistada(o):_____

Assinatura do entrevistador:_____